







www.unimadeiras.pt





Pedro Serra Ramos Presidente da Direcção

O caminho para o abismo...

PODE PARECER dramática a afirmação e sobretudo pessimista, contudo, após mais uma época de fogos, a situação florestal surge cada vez mais como um drama

Começaríamos por prestar homenagem aos "Soldados da Paz", que indiscutivelmente se empenham, com ou sem meios, na tentativa de minimizar os prejuízos dos fogos, muitas vezes, como foi este ano, pagando com a própria vida. Todos nós, cuja vida depende da floresta, reconhecemos e agradecemos o Vosso empenho.

O sentimento, apesar disso, é de revolta. No passado dia 31 de Julho, em Cantanhede, efectuou-se o balanço da época de fogos até à altura, vangloriando-se de que havia uma redução de 50% da área queimada. Nesse dia, na companhia de dois outros técnicos florestais, comentámos precisamente que a realização deste tipo de balanços, antes da época acabar era como abanar um barril de pólvora pronto a explodir. Infelizmente não podíamos estar mais certos. Num ano de forte contestação política, fazer esse tipo de balanços a meio da época, é o mesmo que acender o rastilho de pólvora. Já devíamos ter aprendido a lição no passado. Vemme à memória uma história com alguns anos, em que um presidente de câmara veio à televisão, a meio da época de fogos, também dizer que no concelho dele não havia fogos há 8 anos. Hoje já se deve ter arrependido, pois na semana a seguir o concelho foi dos mais afectados pelo fogo. Lição: os balanços fazem-se no fim, por isso se chamam balanços, o acompanhamento intermédio deve ser efectuado, mas ficar

E agora, perguntamos nós, onde estão os noticiários a falar de como vamos recuperar essa riqueza nacional que é a nossa floresta. Os mesmos noticiários que abriam com a desgraça do fogo, porque não vêm agora dar uma ajuda a debater como vamos fazer a recuperação e o que podemos ganhar

Os mesmos
noticiários que abriam
com a desgraça do fogo,
porque não vêm agora dar
uma ajuda a debater como vamos
fazer a recuperação e o
que podemos ganhar
com a floresta.

com a floresta. Porque, cada vez que as notícias "abriam" com as imagens de um fogo, dez ou mais potenciais investidores decidiam não investir na floresta. Afinal a floresta já deixou de ser notícia?

Como parte das nossas empresas dependem das nossas florestas e dado que a seguir ao fogo, já sabemos, haverá uma tendência para aumentar o ataque de pragas e doenças a ANEFA decidiu organizar umas jornadas sobre a fitossanidade das várias espécies, convidando os investigadores nacionais a nos mostrarem as possíveis soluções,

que começamos a apresentar neste número, na esperança de que ajude a resolver alguns problemas.

Pretendemos igualmente mostrar que a floresta não produz só madeira e que o investimento rentável é possível no sector florestal, apresentando como exemplo da sua multifuncionalidade a produção de cogumelos.

A falta de floresta "empurra" cada vez mais os nossos técnicos para a área do paisagismo, onde já temos inúmeros associados, uns por opção, outros por necessidade. De qualquer forma as empresas de paisagismo começam a surgir como cogumelos, o problema é que há dois tipos de empresas – as legais e que tentam cumprir com as suas obrigações e as da economia paralela, para as quais não há qualquer tipo de fiscalização. Quando falamos no problema, dizem-nos "denunciem". Alguém conhece algum país do sul da Europa onde haja tradição de denunciar? Até porque, mesmo apanhado em flagrante, com a justiça que temos, e com a resposta de que "está a fazer um favor a um amigo" possivelmente o denunciante ainda acabaria com os pneus furados ou algo pior.

Afinal, ainda há quem tente trabalhar de forma profissional nos espaços verdes e por isso procuramos neste número ajudar com algumas opiniões técnicas.

Com os problemas do alvará das empresas florestais teremos todos de tirar o alvará de paisagismo e começar a trabalhar nessa área? Quem irá então plantar e cuidar da floresta?

Conteúdos







Índice

Editorial

Opinião

Os cogumelos silvestres - Um recurso

28

não-lenhoso de valor mas pouco explorado **Em Foco**

Os grandes desafios da manutenção e construção de Espaços Verdes

ANEFA

Ecorede - Silvicultura e Exploração Florestal, SA

Actualidades

Sanidade Florestal - Principais pragas e doenças

14

11

Agenda

29

Associadas

TerraGes, Equipamentos Profissionais para Gestão de Recursos Naturais



Legislação

Associadas

30

Ficha Técnica



PROPRIETÁRIO / EDITOR



Rua dos Arneiros, 72 A C/V A 1500-060 Lisboa Telef:: 214 315 270 Fax: 214 315 271 Telm.: 912 545 930 E-mail: geral@anefa.pt Site: www.anefa.pt NIF: 502 140 550

DIRETOR

Eng.º Pedro Serra Ramos

SUB-DIRECTOR REDACÇÃO

e Coordenação Eng.ª Joana Faria joanafaria.anefa@gmail.com

PUBLICIDADE, DESIGN E PRODUÇÃO GRÁFICA



BLEED – Publicações e Eventos Av. da República 41, 3.º Andar Escritório 305 1050-187 Lisboa Tel.: 217 957 045 E-mail: info@bleed.pt www.bleed.pt

IMPRESSÃO

Jorge Fernandes, Lda.

PERIODICIDADE

Trimestral

TIRAGEM

1.500 exemplares

DEPÓSITO LEGAL

279002/10

INSCRIÇÃO ERC (Entidade Reguladora Comunicação)

PREÇO

3€

"Revista Independente, sem qualquer subsídio estatal e/ou privado" Os textos e a publicidade são da inteira responsabilidade dos seus autores.

Os grandes desafios da manutenção e construção de Espaços Verdes

A importância de um bom projecto no sistema de rega em espaços verdes

GRANDE PARTE das espécies ornamentais que compõem os espaços verdes existentes em Portugal necessitam de água ao longo do ano, principalmente durante o verão, para sobreviverem e proporcionarem espaços verdes com qualidade e bom aspecto visual.

Analisando um balanço hídrico típico do clima de Portugal continental verificamos que a maior escassez de água proveniente da chuva regista-se nos períodos de Primavera e Verão, altura em que as espécies vegetais mais necessitam de água.

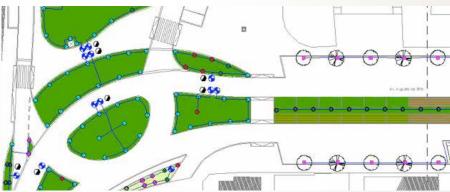
Para satisfazer esta falta de água é fundamental a instalação de sistemas de rega bem adaptados a cada tipologia de planta, imprescindíveis para garantirem o investimento feito em plantas e operações culturais realizadas ao longo do ano.

A chave do sucesso de um sistema de rega assenta em quatro aspectos fundamentais:

- 1) Projecto devidamente dimensionado e adaptado a cada situação e cultura;
- 2) Uso de equipamentos e produtos de qualidade e duradouros;
- 3) Correcta instalação e realizada por profissionais;

4) Utilização e manutenção adequada dos equipamentos que compõem o sistema de rega;

O Principal objectivo de um projecto de rega é garantir que o sistema de rega é correctamente dimensionado. Isto é, utiliza os equipamentos mais adequados às espécies e tipologias vegetais, que os emissores trabalham com os valores ideais de pressão e caudal, que estão devidamente implementados para garantir a melhor distribuição e uniformidade possível e permitir que a velocidade da água no interior das tubagens não ultrapasse os valores máximos admitidos. Se o projecto de rega for devidamente realizado e dimensionado, vamos com toda a certeza obter um jardim



Exemplo de Projecto de Rega Tipo para Espaços Verdes



Jardim regado Vs Jardim sem rega em Portugal continental em 2010



Espaço público com sistema de rega por aspersão automático



Especialistas em INCENTIVOS para a AGRICULTURA, AGRO-INDÚSTRIA e FLORESTA desde 1990.

Rua D. Lopo de Almeida Lote 81 - r/c Dto 2200 281 Abrantes tel. 241 366 806 fax, 241 366 850 www.gestiverde.pt bem regado, optimizando ao máximo a quantidade de água nele aplicado, permitindo um jardim saudável, fornecendo às plantas a quantidade de água estritamente necessária, garantindo o investimento das plantas e de toda a concepção do espaço verde.

Para desenvolver um bom projecto é fundamental que o projectista tenha as noções básicas de hidráulica e a consciência que um sistema de rega deve seguir objectivos fundamentais: assegurar as necessidades hídricas das plantas para não perdermos o investimento realizado na aquisição das plantas; criar um sistema com o máximo de uniformidade possível minimizando o consumo de água; minimizar o recurso a mão-de-obra para que o sistema funcione eficientemente e propor um sistema fiável e duradouro com uma manutenção mínima.

No decorrer do projecto deve seguir de forma cronológica as seguintes etapas:

1) Conhecer bem o espaço a regar, obtendo todos os dados de partida necessários;

- 2) Determinar as necessidades de água;
- 3) Determinar as fontes de água e de electricidade disponíveis;
- Selecção dos emissores e sua implementação no terreno;
- 5) Calcular as pluviometrias;
- 6) Sectorização do sistema;
- 7) Calcular os tempos de rega por sector e totais;
- 8) Traçar as tubagens principais e secundárias:
- 9) Dimensionar tubagens, acessórios e electroválvulas;
- 10) Calcular a pressão requerida no sistema;
- 11) Escolha do sistema de programação automático mais indicado e respectivo dimensionamento do cabo eléctrico;
- 12) Finalizar o plano de rega, representando-o num plano claro, utilizando simbologia apropriada e devidamente legendada, com recurso a desenhos de pormenor de instalação, acompanhado de um mapa de quantidades e dos cálculos hidráulicos respectivos.

Bernardo Fleming

Aquamatic, S.A.

Fertilização em espaços verdes. Um desafio...

O OBJECTIVO da fertilização em qualquer cultura será o de assegurar uma produção adequada tendo em conta o que o solo pode disponibilizar e o que as plantas vão extrair. Os relvados são a única cultura em que depois de se tentar fazer com que a sua instalação seja a mais rápida possível, deseja-se que esta cresça o mais lentamente possível de forma a reduzir o encargo mais oneroso da manutenção: os cortes.



Na manutenção de relvados, a fertilização juntamente com o corte e a rega são operações culturais fundamentais, devendo ser programadas

como um todo e não separadamente. Começando pelo corte, que para além de exigir muita mão-de-obra é também o que representa maiores custos, há uma regra básica que diz que não se deve retirar mais do que 1/3 da folha em cada corte. Nos relvados cortados todas as semanas isto é fácil de conseguir, no entanto, na relva cortada uma ou duas vezes por mês, acontece muitas vezes cortar-se mais do que se deve dando origem às famosas "carecadas" que para além do mau aspecto estético, muito debilitam o relvado.

É por isso que na fertilização se deve ter em conta que ao fornecer os nutrientes necessários à relva isso não deve provocar um pico de crescimento imediato, que nos obrigará a cortar mais frequentemente. Uma das soluções passa por recorrer a fertilizantes de libertação lenta, que para além de serem mais seguros quanto a "queimaduras", tem uma acção mais prolongada no tempo fazendo com que o crescimento da relva seja mais homogéneo e controlado.

Outra questão será a relação fertilização/rega, que deverá ter por objectivo repor as perdas por evapotranspiração, mas infelizmente na maioria dos casos rega-se em excesso. Umas vezes, pela eficiência do sistema de rega que deixa muito a desejar, a falta de uniformidade faz com que exista relva com sede, ou zonas com excesso de água. Noutras situações confunde-se o stress por excesso de temperatura com necessidade de água. O óptimo de temperatura para a maioria das espécies utilizadas nos relvados situa-se entre os 18-25°C e, no

nosso país é frequente termos temperaturas acima destes valores durante vários meses que prejudicam a qualidade do



relvado. Tentar resolver isto com regas mais frequentes e mais curtas não é a solução mais adequada. Estas regas acabam por concentrar a humidade do solo mais à superfície fazendo com que as plantas não tenham raízes tão profundas e por isso exploram um menor volume de solo, fazendo com que uma parte considerável da riqueza mineral do solo seja desaproveitada, sendo necessário compensar com mais fertilizantes.

Por outro lado uma fertilização que privilegie não só o Azoto, mas também elementos como o Potássio e o Magnésio ajudará a que o relvado resista melhor aos meses quentes, com benefícios quer estéticos quer na conta da água. Em termos gerais um relvado composto pelas consociações mais comuns em Portugal à base de Festuca arundinácea, Lolium perene e Poa pratensis necessitará anualmente de 15-20g/m2 de Azoto, 5-7g/m2 de Fósforo e de 10-12g/m2 de Potássio, repartidos nas alturas do ano em que as plantas estão mais activas: Primavera e Outono. Se pensarmos que a grande maioria dos relvados ornamentais são adubados "à mão" e com isso a dose de adubo aplicada ronda as 70-80g/m2, temos que com apenas uma adubação se chega quase à quantidade necessária anualmente, nalguns casos ultrapassando até várias vezes o necessário, obtendo como resposta crescimentos desnecessários, desperdício de adubo e aumento da poluição.

Nesta altura de crise, mas também de maior consciência ambiental, será interessante que quem está ligado à indústria da manutenção, comece a recorrer a outra forma de fertilizar o relvado, quer recorrendo a adubos foliares em que com quantidades reduzidas se conseguem respostas rápidas, mas sem crescimentos exagerados, quer a bioestimulantes como por exemplo extractos de algas ou aminoácidos conseguimos uma ajuda extra nas fases de maior stress. A melhoria da qualidade do relvado e a redução dos custos nos fertilizantes convencionais bem como na frequência e tempo gasto nos cortes justificam economicamente esta opção.



Outra ferramenta interessante, serão os reguladores de crescimento principalmente o trinexapac-ethil, substância comercializada na

Península Ibérica com o nome comercial de Primo Maxx. Este produto inibe durante um determinado período de tempo o crescimento vertical da relva (4 a 6 semanas), fazendo com que as plantas tenham mais energia disponível para as raízes e rebentos laterais. Em resposta à sua aplicação obtém-se um relvado mais denso, mais resistente aos stresses ambientais e um decrés-

cimo considerável nas necessidades de rega. Quanto aos cortes, no caso de relvados cortados 1-2 vezes por mês não vemos na prática, uma redução no número de cortes (ao contrário de relvados cortados mais frequentemente), mas sim na quantidade de material vegetal recolhido, tornando esta operação menos onerosa em tempo.

Para além do custo, o que dificulta a utilização desta ferramenta será definir a quantidade a aplicar, pois esta deverá variar de acordo com o tipo de relvado, altura de corte, temperatura atmosférica e número de aplicações programadas em cada estação. As doses poderão variar de 10 a 20ml/100m2 através de pulverização que não exceda os 51 de água em 100m2. Na calda de pulverização deverá sempre juntar-se Azoto juntamente com Ferro e/ou Magnésio foliar e ter muito cuidado para não haver sobreposições da calda.

Tendo em conta estas considerações, sempre que se conseguir integrar o programa de fertilização com as alturas do ano em que a plantas estão mais activas, não recorrendo apenas a fertilizantes convencionais, conseguir-se-á uma melhoria notória na qualidade do relvado e uma redução nos custos associados à rega e aos cortes.

Fica lançado o desafio... 🛇



Doenças em Relvados

O DIAGNÓSTICO das doenças dos relvados nem sempre é uma tarefa simples. É necessário estar familiarizado com os sintomas típicos e compreender como variam nas diferentes espécies, consoante as práticas de manutenção e as diferentes condições edafoclimáticas.

Também é preciso estar atento à possibilidade de ocorrência de uma ou mais doenças simultaneamente.

O solo é um meio onde se encontram muitos organismos, uns benéficos e outros patogénicos. Para que uma doença se manifeste, o agente patogénico tem de estar presente, tem de haver um hospedeiro suscetível e as condições ambientais têm de ser propícias ao desenvolvimento da(s) doença(s).

As mudanças de estação são por isso alturas de observação redobrada uma vez que as condições ambientais alteram-se e a proliferação de determinados fungos poderá ser favorecida.



Para proceder ao diagnóstico temos de observar criteriosamente tanto a parte aérea como as raízes, para verificar se se trata de um problema



Tel. 351.234 543 222 Fax 351.234 543 666 Telem. 351.919 052 777 | 912 550 955

Quinta da União (Alb.-a-Nova) • Ap. 9: 3850-501 BRANCA ALB Albergaria-a-Velha • **Portugal**

www.herkulis.com herkulis@herkulis.com abiótico ou biótico, ou seja, se se trata de um problema causado por uma agressão externa ou por organismos patogénicos.

Para o tratamento deverá procederse ao controlo cultural e por vezes acompanhado de controlo químico recorrendo à aplicação de produtos fitossanitários, é recomendado o aconselhamento com técnicos especializados.



Principais Problemas Abióticos

- Compactação do solo
- Seca
- Lesões provocadas por cortes
- Queima devido a fertilizantes
- Queima devido a geada ou gelo
- Manchas hidrofóbicas
- Escaldões
- Encharcamento do solo
- Ensombramento
- Carência de nutrientes
- Toxicidade devida a produtos fitofarmacêuticos
- Excesso de salinidade
- Acumulação de feltro (thatch)

Problemas bióticos

- Fungos
- Bactérias
- Vírus,
- Nematodes
- Insetos
- Roedores

Os problemas bióticas são provocadas por fungos, vírus, bactérias e nematodes, sendo as doenças devidas a fungos as que aparecem com maior frequência nos relvados.

As Doenças mais frequentes em Portugal são:

Pythium spp.

Os fungos do género Pythium começam por se manifestar por peque-

nas manchas amarelas que rapidamente evoluem para manchas assimétricas de



grande extensão que se desenvolvem seguindo as linhas de escorrimentos

superficiais da água; Ocorre em dias muito quentes com elevada percentagem de humidade.

Dollar Spot

O Dollar Spot caracteriza-se pelo aparecimento de pequenas manchas amarelas do tamanho de uma moeda. As folhas infetadas comecam



por apresentar no centro uma cintura longitudinal necrótica evoluindo para o amarelecimento superior da folha;

Brown Patch

O ataque de Brown patch manifesta-se por manchas castanhas de diferentes di-



mensões em que a folha apresenta em toda a sua extensão manchas necróticas:

Summer Patch

Summer Patch caracteriza-se pelo aparecimento de manchas amarelas circulares que



apresentam um tufo de plantas verdes verde no centro;

Leaf Spot

Manchas nas folhas, relvados amarelecidos, diminuição da densidade, crescimento não



uniforme são sintomas de um ataque de Leaf Spot;

Fio Vermelho

O Fio Vermelho manifesta-se no relvado por manchas circulares averme-



lhadas apresentando sobre o relvado o micélio do fungo constituído por fios muito finos de cor rosada a avermelhada;

Ferrugem

As plantas atacadas por ferrugem apresentam folhas com pústulas alaranjadas. Quando o ataque é intenso a relva amarelece e as plantas enfra-



quecem e morrem por perda excessiva da humidade das folhas.

Roda das Bruxas Fairy ring

A Roda das Bruxas ou Fairy ring reconhecese pelos anéis circulares de diferentes di-



mensões que podem ir de 20 a 30 cm a muitos metros de diâmetro. Ocorre frequentemente em solos de areia com elevados teores de Matéria Orgânica;

A aplicação equilibrada de fertilizantes e de estimulantes de Fitoalexinas (substâncias produzidas pelas plantas como mecanismo de defesa natural para combater infeções - tóxicas para bactérias e fungos) é recomendada. Como exemplo temos o Fosfito de Potássio, torna as plantas mais resistentes com defesas ao ataque possível de agentes patogénicos.

Ao estimularmos as defesas naturais da planta, estamos a torna-la mais forte, logo situações de stress, quer sejam frio, calor, operações mecânicas agressivas ou tráfego intenso, o relvado estará potencialmente mais apto a resistir às adversidades.

Filipa Mateus De Almeida

http://globalrelva.org

Fry/Straka Global Golf Course Design - Global Relva - GlobalTurf Network Engenheira Agrónoma OET: 11410 TMóvel:+351 927432271 Skype: filipamateusdealmeida filipamacc@gmail.com http://www.frystraka.com



Existem investidores para a nossa floresta? Porquê investir na floresta?

O QUE ESPERAMOS DA NOSSA FLORESTA

Todos reconhecemos que um dos problemas associados ao sector florestal é a falta de capacidade de investimento associada ao período de retorno do mesmo. Isto é, se alguém tem dinheiro para investir na floresta, associa sempre esse investimento a prazos demasiado longos, normalmente ao período de vida dos povoamentos.

Existe um outro problema associado, que é a questão do risco a que está sujeita uma área florestal, sobretudo, tendo igualmente em conta o horizonte temporal considerado.

Vamos então tentar dividir a questão. Começaremos pelo horizonte temporal. Quando se fala em floresta há desde logo uma tendência para ver quanto tempo leva a árvore a crescer imaginando que apenas quando ela atingir o seu máximo crescimento se poderá rentabilizar a área plantada. Por isso, as pessoas optam muitas vezes por espécies de mais rápido crescimento, como é o caso do eucalipto, pois acham que dessa forma estarão a ter um rendimento mais rápido.

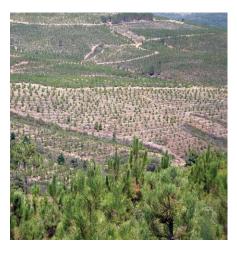
Contudo, existem hoje opções quer ao nível da multifuncionalidade do espaço florestal, quer ao nível da gestão do povoamento em si, que podem igualmente garantir bons rendimentos, sem haver a necessidade de estar à espera do crescimento máximo da árvore para se obter um bom rendimento. Como exemplos de multifuncionalidade temos a caça, os cogumelos, a apicultura, a criação de certo tipo de gado, determinados tipos de frutos associados a espécies florestais, o ecoturismo, etc.. Podem até dizer que não é nada de novo, mas o que é certo é que são actividades que trazem mão-de-obra à zona florestal, que têm rentabilidade, já comprovada, desde que bem exploradas como é óbvio. Chamamos a atenção que este aspecto de "trazer mão-de-obra às áreas florestais" assume particular importância, por exemplo na prevenção da ocorrência de

incêndios reduzindo o risco associado, já que a presença de trabalhadores no local afasta muitas vezes os pirómanos. Ao nível dos exemplos da gestão do povoamento em si o caso mais flagrante é o do pinheiro bravo.

O pinheiro bravo, enquanto espécie, caiu em desgraça no nosso país. Na nossa opinião por dois tipos de razões – uma associada à praga que o afecta actualmente e outra porque "compete" em termos de condições, em grande parte da área com uma espécie muito concorrente, o eucalipto. Isto é, grande parte das áreas que são boas para produzir pinheiro bravo são igualmente boas para produzir eucalipto e a rentabilidade aparente desta espécie, produzida num curto espaço de tempo, leva as pessoas a optarem pelo eucalipto.

Comecemos por esta última razão. Todos temos consciência que quando se produz qualquer coisa se deve produzir para determinado fim. Quem não gostaria de começar a produzir com a produção já vendida. E essa questão leva-nos a falar do mercado que existe para ambas as espécies. Ao contrário da industria do eucalipto que, por via da introdução da espécie na floresta nacional, se viu obrigada a tornar-se no maior proprietário florestal do país, investindo seriamente na investigação não só do ponto de vista da planta em si mas igualmente nas técnicas de preparação de terreno e de exploração florestal, a industria do pinho "foi vivendo" durante muitos anos com a floresta que existia, sem grandes preocupações do ponto de vista do desenvolvimento florestal. Não podemos ignorar que enquanto a indústria de celulose, que utiliza o eucalipto, teve na sua fase mais concorrencial, quatro a cinco empresas ou grupos empresariais, a indústria do pinheiro bravo teve mais de cinco mil empresas, com utilizações diversas, o que de certa forma não facilitava o desenvolvimento, a montante, da espécie.

Apesar disso, é na diversidade das uti-



lizações que deveria estar a vantagem concorrencial da espécie, já que podendo ser utilizada para múltiplos fins, garante teoricamente, à partida, uma maior facilidade de escoamento. O pinheiro bravo num sistema de gestão bem definido pode numa primeira fase produzir material para pellets ou estilha, numa segunda fase material para postes, numa terceira fase material para aglomerados ou celulose e finalmente na última fase material para serração. Já para não falarmos na produção de resina

A este faseamento da produção, poderemos ainda associar um menor nível de custos se a instalação do povoamento for efectuada a partir de regeneração natural. E na fase final a remoção/destruição de cepos será certamente mais barata do que no caso do eucalipto.

Apesar disso a indústria do eucalipto, devido à sua dimensão e solidez, consegue pagar a horas e em prazos mais curtos, que é um dos problemas apontados à indústria do pinheiro bravo.

Então porque é que o investidor não aposta no pinheiro bravo?

Aí, a primeira razão tem alguma influência. O nemátodo da madeira do pinheiro tem assustado muita gente que vê as árvores morrerem com alguma facilidade, sem saber se a seguir poderão ou não voltar a plantar a mesma espécie. A investigação diz que não há qualquer problema. Mas é preciso divulgar

essa informação, assim como é preciso divulgar as possíveis utilizações que o pinheiro bravo pode ter.

Quantas pessoas terão a noção de que a indústria de pellets está a ter um crescimento exponencial por todo o mundo, com os Estados Unidos a aumentarem a exportação para a Europa em mais de 50%. Quantas pessoas terão a noção que o preço do pellet no retalhista na Suíça já atingiu os 323 euros por tonelada. Quantas pessoas terão a noção de que o preço da resina subiu muito desde há meia dúzia de anos? Então porque é que este valor não reverte a montante, criando uma gestão florestal completamente diferente, permitindo ao investidor aumentar a sua rentabilidade?

Porque não há uma divulgação apropriada da informação?

Porque a riqueza gerada permanece toda na parte industrial, desinteressando dessa forma o investidor que pretende investir a montante?

Este, constitui igualmente um problema com outras espécies como o eucalipto, o sobreiro, etc., já que quem tem estado atento aos lucros das empresas transformadoras dificilmente entende porque é que não se planta mais, fazendo lembrar a história da morte da galinha dos ovos de ouro. Contudo, se para um produtor como a indústria de celulose, que possui uma grande área, esse problema pode constituir um mal com fim à vista, o mesmo não se poderá referir para as outras espécies. Resta saber a que preço será paga a madeira do eucalipto quando a indústria de celulose conseguir atingir um nível de auto-abastecimento "de segurança"...

Resta-nos pois, a nós empresas, procurar estudar e divulgar soluções, junto dos potenciais investidores, que permitam voltar a ter um nível de arborização e consequente produção que nos recoloque na rota da sustentabilidade florestal e para isso vamos precisar da ajuda dos meios de comunicação social, enquanto instrumentos privilegiados de divulgação. A floresta não pode ser apenas notícia pelas piores razões, como acontece na época dos incêndios...

Pedro Serra Ramos

Presidente da Direcção da ANEFA

"Da comunicação" ANEFA na defesa e promoção dos seus associados



Empresários voltam a questionar estratégia de controlo ao Nemátodo da Madeira do Pinheiro

COM AS TEMPERATURAS escaldantes que se avizinham, a floresta volta a ser o centro das atenções, mas na verdade, muitos são os problemas da floresta nacional, para além dos malfadados incêndios.

Foi em Julho de 2008, há precisamente cinco anos, que Portugal continental foi decretado como zona afectada pelo Nemátodo da Madeira do Pinheiro, e hoje, longe desta problemática estar resolvida, a ANEFA volta a alertar para as consequências da inoperância do Governo sobre esta matéria. Na passada semana, voltou a ser promologado por mais seis meses, o prazo de execução das ações de controlo da dispersão do Nemátodo, abrangidas nos protocolos celebrados com algumas Organizações de Produtores Florestais, mesmo após se ter admitido a falta de capacidade deste Organismos para o fazer.

Numa altura em que são exigidos tantos esforços aos portugueses, no âmbito da crise financeira instalada no nosso país, e onde a palavra de ordem é redução da despesa pública, a ANEFA não compreende como se continue a negligenciar um sector tão relevante para a economia nacional. Apesar do seu contributo significa-

tivo, continuamos a assistir a uma estratégia nacional que não valoriza a floresta, colocando em risco a sua sustentabilidade. A verdade é que assistimos, dia após dia, à total desresponsabilização do Governo nesta matéria, onde se "desperdiçam" dinheiros públicos sem qualquer impacto na nossa floresta e se transferem responsabilidades às Organizações de Produtores Florestais, enquanto impavidamente olhamos ao destruir da floresta de pinho a nível nacional.

A própria Estratégia Nacional para as Florestas, que está actualmente a ser discutida, destaca o agravamento do impacto da doença no território nacional, apesar do desenvolvimento do Programa de Ação para o Controlo do Nemátodo da Madeira do Pinheiro, constatando-se que, por anos consecutivos, as Organizações de Produtores Florestais não estão a implementar as devidas medidas, pondo em risco toda a fileira do pinho, e a própria floresta.

Fica a pergunta no ar... Já que o Nemátodo veio para ficar, para quando acabar com o negócio que se gerou em torno deste flagelo?

25 de Junho de 2013 Joana Faria, ANEFA



Governo impede empresas agroflorestais de concorrerem a empreitadas públicas



A DENÚNCIA parte uma vez mais da ANEFA – Associação Nacional de Empresas Florestais, Agrícolas e do Ambiente, que volta a contestar a publicação de concursos de índole florestal, que no seu caderno de encargos referem a exigência de alvará para a execução das respectivas operações.

Como é sabido, os trabalhos agro-

florestais carecem de um enquadramento específico, pelo qual estejam definidas e reconhecidas formalmente, as competências e capacidades dos prestadores de serviços do Mundo Rural, fazendo com que este tipo de serviços seja continuamente executados por empresas de construção civil. Estas, valorizando-se do facto de terem alvará para cumprir com os requisitos das condições exigidas, limitam a actuação das empresas florestais à subcontratação, com as desvantagens inerentes quer à realização do projecto, quer para o adjudicante, uma vez que o recurso a empresas de obras públicas e posterior subcontratação, aumenta substancialmente os custos, lesando próprio contribuinte. Questionado inúmeras vezes sobre a criação de um alvará para a prestação de serviços agroflorestais, o Governo aponta agora para a Directiva Comunitária que impede a criação de "barreiras" a empresas estrangeiras que queiram concorrer às empreitadas internacionais que existam no seio da Comunidade. Afirmando ser esse o argumento, o Governo impede as empresas nacionais de concorrer aos concursos de obras públicas florestais, mas permite que as empresas dos restantes países possam concorrer, uma vez que para essas entidades, bastará apresentarem um documento da autoridade competente do

Mais força onde faz falta. Mais valor onde este conta.

Os modelos CAT de Tractores D3K2, D4K2 e D5K2, estão disponíveis com uma configuração Fire Suppression™ para combate a incêndios.

A série K2 de tractores de rastos CAT foi projectada para realizar uma performance de alto nível, em particular quando os trabalhos a ser desenvolvidos tenham de obedecer a um elevado padrão de qualidade: trabalhos de acabamento, espalhamento de terras, concentração de materiais, ou trabalhar em taludes.

Equipados com transmissão hidroestática, rastos SystemOne™, Accugrade™ e controlos electro-hidráulicos instalados no assento do operador, elevam a produtividade e baixam os custos de operação.

Saiba mais sobre este e outros produtos. Consulte-nos!





seu país, que ateste a sua capacidade em prestar o tipo de serviços a que se candidatam.

Com este impedimento, a alternativa poderá passar por se "criar" empresas no estrangeiro que possam assim candidatar-se aos ditos concursos, contrariando na íntegra, a Directiva Comunitária que querem fazer crer ser a razão da não aprovação dos alvarás.

Numa altura em que se fala da necessidade de requalificar e acreditar o trabalho das empresas nacionais, é o próprio Governo que cede a interesses económicos e promove a economia paralela. Os serviços que são prestados sem factura ou qualquer outro documento que o comprove, representam na realidade um valor excessivamente elevado. Veja-se o caso denunciado a semana passada, sobre a "fuga ao fisco no sector agrícola, que inclui uma lista de empresários que, alegadamente, compravam batatas aos agricultores e depois abasteciam o mercado sem facturação".

Estranho ou não, os empresários florestais continuam a reclamar essa regulação, em prol da qualidade dos serviços prestados, enquanto os nossos governantes e alguns grupos de pressão tudo fazem para que isso não aconteca...

Esta situação, há muito contestada pela ANEFA e suas associadas, continua a desprestigiar os empresários do Mundo Rural, conferindo-lhes erroneamente uma falta de especialização e capacidade técnica. 15 anos passados, desde a primeira tentativa de regularizar o sector da prestação de serviços agroflorestais, a ANEFA continua a defender os interesses do empresários do sector, e avança agora com uma queixa à Comissão Europeia, sobre o Estado Português.

2 de Julho de 2013 Joana Faria, ANEFA

A floresta é muito mais do que incêndios e destruição!



NINGUÉM PODE IGNORAR os cenários dantescos com que nos temos deparado nos últimos dias.

A floresta, ou o que dela resta, voltou a abrir noticiários e tem feito as primeiras páginas dos principais jornais nacionais, mas infelizmente pelas piores razões. Os incêndios têm consumido milhares de hectares de espaços florestais, destruíram já inúmeras habitações, e levaram a vida a cinco bombeiros que tudo fizeram para combater este "mar de chamas".

E infelizmente, para a maioria dos portugueses, a floresta é isto... incêndios e destruição.

São incidentes como estes que cada vez mais desacreditam o potencial da nossa floresta. Quem no seu perfeito juízo, e após ver as imagens com que somos "bombardeados" todos os dias, vai querer investir em floresta?

Mas importa referir que esta mesma

floresta é sinónimo de preservação do ambiente, de economia nacional e de desenvolvimento rural! Esta mesma floresta representa o maior recurso natural renovável, representa 12% das exportações e 3% do PIB, e emprega 260.000 pessoas. Naturalmente esta "importância" não é suficiente para ser capa de jornal... e assim que as primeiras chuvas caírem, a floresta volta a cair no esquecimento.

Quando vamos então dar o devido valor à floresta?

Com um cenário severo de alterações climáticas, pouco resta fazer em relação às condições meteorológicas que se anunciam. Não podemos esperar por um Verão menos quente, ou um Inverno menos húmido e propício ao desenvolvimento de vegetação, é preciso investir na floresta, na sua manutenção e preservação!

Portugal é até o único país europeu

que desenvolveu um Fundo de apoio à floresta. Aquando dos incêndios de 2003, onde se perdeu quase meio milhão de hectares de floresta, foi criado o Fundo Florestal Permanente (FFP), gerado através de um imposto aplicado aos combustíveis e pago por todos os contribuintes.

Este fundo, que visava relançar o investimento no sector, gera anualmente entre 20 a 30 milhões de euros, que deveria ajudar a ultrapassar alguns destes constrangimentos, no entanto, dez anos e cerca de 250 milhões de euros volvidos, o FFP contribuiu ZERO% para a sustentabilidade da floresta nacional Contas feitas, estes cerca de 250 milhões de euros, dariam para arborizar mais de 170 mil hectares ou para limpar cerca de 350 mil, ajudariam na criação de mais de 17 mil postos de trabalho permanentes, e ao nível de receitas do Estado, representaria cerca de 62 milhões de euros de contribuição para a Segurança Social.

Acima de tudo, estes 250 milhões de euros, que são por direito da nossa floresta, ao serem investidos em silvicultura preventiva, evitariam grande parte dos incêndios e a perda de muitas vidas... Certamente valerá o esforço! Vamos olhar para a floresta nacional com a importância que ela merece, e se o melhor momento para o fazer era há 20 anos atrás... o derradeiro será AGORA!

30 de Agosto de 2013 Joana Faria, ANEFA

Decisões & Soluções

O QUE FAZEMOS?

Atuamos em 4 grandes áreas com soluções 360°

A DECISÕES E SOLUÇÕES é uma empresa de dimensão nacional que actua em 4 áreas de negócio.

Actualmente, com mais de 100 agências, a DECISÕES E SOLUÇÕES é líder de mercado na área da Consultoria Financeira, Mediação de Seguros, Mediação de Obras, sendo também uma das maiores redes imobiliárias no nosso país.

Somos especializados num serviço personalizado e independente de aconselhamento, a particulares e empresas, com soluções 360°. A DECISÕES E SOLUÇÕES tem como objectivo aconselhar e apresentar aos seus clientes as melhores e mais vantajosas soluções, bem como as mais baixas prestações mensais para os seus créditos e para os seus seguros, que lhes permitam pagar o mínimo possível, obtendo assim a máxima poupança mensal, bem como os melhores negócios imobiliários e o melhor apoio ao nível da mediação de obras.

Com protocolos e uma relação privilegiada com as várias instituições Bancárias, Financeiras, e Seguradoras a operar no nosso país, defendemos sempre o interesse dos nossos clientes e procuramos encontrar a melhor solução para cada caso.

A eficiência e profissionalismo dos nossos consultores têm valido à DECI-SÕES E SOLUÇÕES o reconhecimento do mercado, possuindo mais de 90.000 clientes satisfeitos com o seu serviço, distribuídos por todo país.

MEDIAÇÃO DE SEGUROS

Na DECISÕES E SOLUÇÕES trabalhamos com as melhores seguradoras em Portugal. Estamos inscritos junto do ISP (Instituto de Seguros de Portugal) com a categoria de Agente de Seguros, sob o nº 4093311648, com autorização para os Ramos Vida e Não Vida, verificável em www.isp.pt.

Encontramos a relação preço/qualidade mais vantajosa em qualquer que seja a área de actuação, para empresas ou particulares. Dispomos de uma grande variedade de seguros, nas melhores condições:

Seguro de Máquinas (casco); Seguro Automóvel; Seguro de Responsabilidade Civil; Seguro de Acidentes de Trabalho; Seguro de Acidentes Pessoais; Seguro de Vida; Seguro de Saúde; Seguro Multirriscos; Seguro de Caçador; E muitos outros seguros ligados ao Sector Florestal, Agrícola e Ambiente.

CONSULTORIA FINANCEIRA

Prestamos aos nossos clientes em serviço de aconselhamento personalizado, nas seguintes operações:

Financiamento a Empresas; Aplicações financeiras; Crédito ao consumo, consolidado, pessoal ou habitação; Leasing imobiliário e mobiliário; Factoring; Renting; ALD.

MEDIAÇÃO DE OBRAS

Garantimos a selecção do melhor parceiro para as obras dos nossos clientes, recolhemos orçamentos, analisamos, discutimos, negociamos, aceleramos e simplificamos o processo.



MEDIAÇÃO IMOBILIÁRIA

Na DECISÕES E SOLUÇÕES asseguramos um acompanhamento personalizado na escolha e selecção de propriedades rústicas ou imóveis, seja ao nível da venda ou do arrendamento.

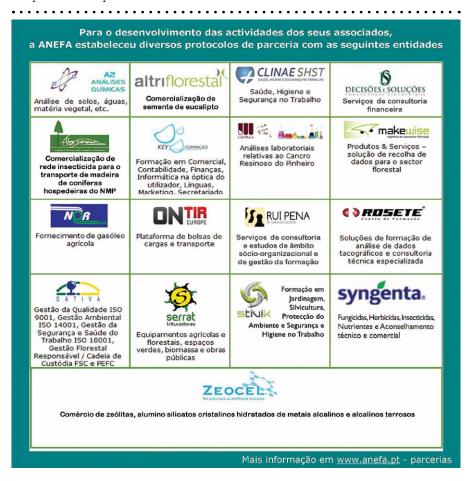
É com Grande Prazer que a Agência DESCOBRIMENTOS efectua esta parceria com a ANEFA e assim proporciona a Todos os ASSOCIADOS e seus familiares usufruírem destes serviços gratuitamente (orçamentos, simulações) podendo contar desde já, com rapidez, confidencialidade, qualidade e eficiência nos serviços a prestar!

NÃO FIQUE SEM NOS CONTACTAR! TE-MOS BOAS NOTÍCIAS PARA SI!

(Todos os contactos devem ser efectuados através da ANEFA (preferencialmente) que encaminhará para a Consultora Responsável pela parceria DECISÕES E SOLUÇÕES - AGÊNCIA – Avenida dos Descobrimentos).

Alexandra Oliveira

Consultora





Sanidade Florestal Principais pragas e doenças

AS FLORESTAS são importantes recursos globais e fornecem uma gama variada de benefícios ambientais, culturais, económicos e sociais e de produtos naturais renováveis como madeira, combustíveis, fibras, recursos alimentares e químicos, com inúmeras aplicações e com clara influência na vivência das comunidades rurais. Ao nível do ecossistema, fornecem serviços vitais, designadamente, no combate à desertificação, proteção de cursos de água, regulação climática, manutenção da biodiversidade e preservação de valores sociais e cul-

A circulação global de espécimes florestais e dos seus produtos e subprodutos, devida ao comércio, exploração de novas oportunidades de mercado e fluxos humanos é, hoje em dia, uma ameaça à sanidade florestal das principais espécies florestais e, logo, à sua

sustentabilidade e das fileiras nelas assentes. Com efeito, o estado fitossanitário dos ecossistemas florestais é fator determinante da sua sustentabilidade, uma vez que os danos causados por agentes bióticos nocivos podem comprometer os objetivos da gestão florestal, sejam eles de proteção ou de produção de bens diretos ou indiretos.

Ao risco colocado pela necessária circulação de bens e pessoas acrescem as alterações climáticas, que acarretam novas oportunidades para o estabelecimento de pragas e doenças, não só por favorecerem o desenvolvimento das suas populações como por criarem, muitas vezes, pressões ambientais que tornam as árvores mais vulneráveis aos agentes bióticos

Desde há muito que vêm sendo identificados diversos problemas sanitários na floresta em Portugal, alguns deles associados a perturbações que ocorrem nos ecossistemas florestais, originadas por vários fatores bióticos e abióticos e outros associados ao tipo de gestão florestal que tem vindo a ser implementada.

A par do Nemátodo da Madeira do Pinheiro (NMP), classificado como Organismo de Quarentena, cujos impactes ecológicos e também de natureza socioeconómica são por todos reconhecidos, sendo internacionalmente entendido como um dos mais graves problemas fitossanitários ao nível europeu e mundial, outros agentes bióticos de quarentena têm sido responsáveis por graves perdas para o setor florestal.

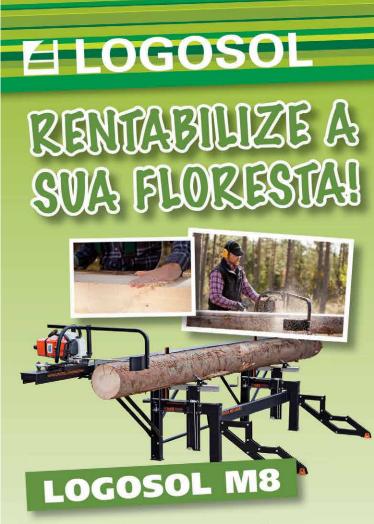
Existem também vários agentes bióticos endémicos, classificados como organismos de "Não Quarentena" que, durante décadas, não constituíram um problema grave mas que, recentemente, em função de alterações das condições ambientais ou do próprio modelo de gestão florestal, adquiriram proporções mais preocupantes, tendo conduzido hospedeiros, pertencentes a vários grupos de espécies, a estados de elevada sensibilidade, cujos impactes se traduziram também em importantes perdas para o setor florestal.

Considerando ainda a possibilidade de instalação adicional de outras pragas e doenças, já presentes em alguns países da União Europeia, consequência das já referidas circulação global e alterações climáticas, assume particular relevância, ao nível nacional, o conhecimento e a avaliação dos níveis populacionais de agentes bióticos nocivos e a perceção da sua evolução espácio-temporal, de modo a permitir a implementação de adequadas medidas de prevenção e de deteção precoce de novos focos.

A presença de pragas e doenças, tanto nos sistemas florestais como em viveiros florestais pode ter, ainda, várias outras consequências, nomeadamente, perdas de produtividade, perda de competitividade do setor nos mercados nacionais e internacionais, aumento dos custos com o controlo dos agentes bióticos nocivos, impacte sobre os programas de gestão integrada destes agentes bióticos e danos ambientais pelo uso frequente de pesticidas.

É ainda importante referir que, o cumprimento das medidas fitossanitárias a que Portugal está obrigado, por força da necessidade do cumprimento de legislação nacional e comunitária, de que são exemplos, designadamente o controlo do nemátodo da madeira do pinheiro e do cancro resinoso do pinheiro, implica a adoção de uma atuação programada e eficaz, cuja inobservância poderá redundar na aplicação de sanções, situação de uma gravidade sob o ponto de vista da economia portuguesa, difícil de sustentar e aceitar no atual contexto económico-financeiro e político.

É, pois, premente concluir que a sanidade florestal – leia-se, implemen-



Uma solução completa para serração, em qualquer lugar!



LUMBERLITE ML26

Uma serração portátil de alto rendimento perfeita!

ENTRE EM CONTACTO COM A LOGOSOL:

Através do nosso representante em Portugal, TimberBee, Lda.: 91 376 2626

Ou directamente com a nossa sede, na Suécia: +46 611 182 79, Ou visite a nossa página na Internet: **www.logosol.pt**



Doença da tinta, provocada por Phytophthora cinnamomi



Efeito do Nemátodo da Madeira do Pinheiro

tação de medidas preventivas e regulatórias adequadas, assentes em prospeção e investigação dirigida e suportadas em investimento adequado – não é, portanto, uma opção: é capital à sustentabilidade florestal e ao desenvolvimento económico do país. Nesse sentido, encontra-se em elaboração o Programa Operacional de Sanidade Florestal (POSF), o qual pretende colmatar uma lacuna que há muito se faz sentir, tornando disponível de uma forma sintética, o relevante conhecimento existente em Portugal relativo à Proteção Florestal, estabelecendo os adequados mecanismos e procedimentos de prevencão e controlo.

O POSF determina a necessidade de envolver as várias entidades com atuação e responsabilidades nas várias vertentes da sanidade florestal, da estratégia ao planeamento e operacionalização, englobando, num esforço comum, os vários agentes do setor públicos e privados, incluindo as Organizações de Proprietários Florestais, os Prestadores de serviços e a Indústria florestal.

O REGIME DE PROTEÇÃO FITOSSANITÁRIA

O regime fitossanitário nacional encontra-se enquadrado no Decreto -Lei n.° 154/2005, de 6 de setembro, alterado pelos Decretos-Leis n.os 193/2006, de 26 de setembro, 16/2008, de 24 de janeiro, 4/2009, de 5 de janeiro, 243/2009, de 17 de setembro, 7/2010, de 25 de janeiro, 32/2010, de 13 de abril e complementado pelo Decreto-Lei n.º 95/2011, de 8 de agosto, onde se criam e definem as medidas de proteção fitossanitária destinadas a evitar a introdução e dispersão, no território nacional e comunitário, incluindo nas zonas protegidas, de organismos prejudiciais aos vegetais e produtos vegetais, qualquer que seja a sua origem ou proveniência. O supracitado diploma, consagra, entre outras, a transposição, para a ordem jurídica interna, da Diretiva n.º 2000/29/CE, do Conselho, de 8 de maio, e suas alterações, relativas às medidas de proteção fitossanitária a

serem aplicadas nos Estados-membros.

A aplicação e controlo do regime fitossanitário é da responsabilidade da autoridade fitossanitária nacional, competência legalmente atribuída à Direção-Geral de Alimentação e Veterinária (DGAV), em articulação com as Direções Regionais de Agricultura e Pescas (DRAP) e com o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF, I.P.).

OS PRINCIPAIS AGENTES BIÓTICOS NOCIVOS

Durante os anos 80 surgiram vários alertas, principalmente na Europa e na América do Norte, sobre o declínio acentuado e generalizado que estava a ocorrer em várias espécies florestais, nomeadamente, nos géneros Pinus, Quercus e Castanea. Este agravamento generalizado e algo inexplicável do estado sanitário da floresta, foi genericamente classificado como "declínio", por se observar, em muitos casos, uma perda de vigor das árvores

sem a existência de sintomas específicos.

Nos últimos 10 anos, foram introduzidos alguns agentes bióticos nocivos que obrigaram à adoção de planos e programas específicos de prospeção, controlo e erradicação. O gorgulho do eucalipto (Gonipterus platensis), um inseto desfolhador, foi detetado pela primeira vez em Portugal em 1995, no norte do país, tendo vindo a resultar da sua ação grandes perdas de produtividade. O caso mais grave de introdução de organismos nocivos em Portugal, ocorreu em maio de 1999 com a deteção, na península de Setúbal, de Bursaphelenchus xylophilus, um nemátodo que provoca uma mortalidade muito acentuada em povoamentos de pinheiro-bravo. Em 2008, foi oficialmente assinalada a presença do fungo Fusarium circinatum, num fornecedor de materiais florestais de reprodução (MFR) situado na região Centro, tendo esse fungo originado a destruição de milhares de plantas do género Pinus. A presença de Leptoglossus occidentalis, um inseto sugador, foi detetada em Portugal em 2010, quase em simultâneo na Península de Troia e no norte de Portugal, podendo originar graves danos na produção de fruto, especialmente de pinhão (pinheiro-manso).

Existe pois, uma grande variedade de agentes bióticos nocivos que podem causar danos às espécies florestais, tanto em árvores adultas como em plantas jovens, sendo que as respetivas medidas preventivas e de controlo devem atender, entre outros, aos aspetos relacionados com as próprias caraterísticas do agente, ao estatuto que apresentam, designadamente se os mesmos se encontram já referenciados no território nacional, sejam eles classificados como organismos de quarentena ou não, se já se encontram enquadrados pela Diretiva 2000/29/CE, de 8 de maio ou pelas listas da EPPO, ou se por outro lado, apresentam um risco emergente por serem considerados de elevado risco de entrada e não estejam regulamentados.



Prestação de Serviços de Abastecimento a toda a Indústria Nacional consumidora de Madeiras redondas (Pinho e Eucalipto)







Os interessados em certificar as suas Matas e os seus Serviços pelo FSC, poderão aderir ao GGFA e BFA, entrando em contacto com a Administração do Grupo de Gestão Florestal da Abastena.

A servir a

Fileira Florestal

Desde 1966



Grupo de Gestão Florestal &
Bolsa de Fornecedores
Certificados pelo FSC

CERTIFICAÇÃO FSC°



Rua Padre Estêvão Cabral, 79 - 1º - Sala 104 - 3000-317 Coimbra Telm. 912 530 033

A marca da gestão florestal O diagnóstico assenta, normalmente, na observação visual dos sintomas e sinais, sendo por vezes necessário proceder à recolha de amostras para a realização de análises laboratoriais, quando os sintomas são comuns vários agentes bióticos nocivos, no sentido de confirmar o organismo em causa.

Embora não existam meios de luta completamente eficazes para controlo de muitos dos agentes bióticos nocivos, o objetivo de qualquer medida de prevenção e controlo deve ser prevenir ou minimizar a sua instalação e dispersão de forma a reduzir ou mesmo anular os potenciais danos provocados pelas pragas e doenças.

Para uma melhor caraterização dos principais agentes bióticos nocivos, procedeu-se à sua agregação segundo a sua classificação como organismos de quarentena ou não quarentena, sendo os primeiros ainda listados em função da sua deteção em Portugal continental ou da sua existência na União Europeia mas não em Portugal. Não sendo possível fazer uma des-

crição exaustiva, pretende-se apenas alertar para os principais sintomas e meios de prevenção e de controlo de diversos agentes bióticos nocivos.

• Organismos de Quarentena

São os agentes bióticos nocivos que já se encontram regulamentados por legislação Comunitária (Diretiva 2000/29/CE, de 8 de maio ou por normativo legal especifico (Decisões)) ou que constam das Listas A1, A2 e de Alerta da EPPO. Foram agrupados de forma diferente, tendo por base: i) a sua existência em Portugal continental; ii) a sua existência na União Europeia, mas não em Portugal.

a) Agentes bióticos nocivos detetados em Portugal

Este grupo enquadra os agentes bióticos nocivos (fungos e nemátodos) que se encontram atualmente referenciados como existentes em Portugal continental (quadro 1). Até à presente data foram detetados em Portugal continental, em povoamentos ou em viveiros, três organismos de

quarentena: duas espécies de fungos (Cryphonectria parasítica e Fusarium circinatum) e um nemátodo (Bursaphelenchus xylophilus).

b) Agentes bióticos nocivos existentes na União Europeia e não em Portugal

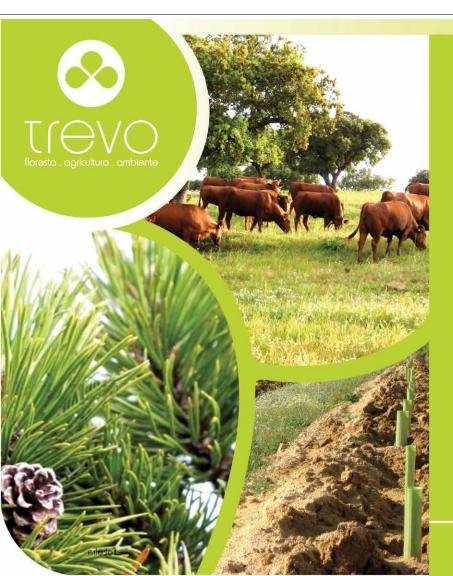
Este grupo enquadra os principais agentes bióticos nocivos que se encontram referenciados como existentes no espaço territorial da União Europeia, e que não foram até ao momento identificados como existentes em Portugal continental (quadro 2).

Agentes bióticos nocivos não de Quarentena existentes em Portugal

Este grupo enquadra os agentes bióticos existentes em Portugal continental que pela sua nocividade ou risco de atingirem níveis epidémicos com impactes socioeconómicos e ecológicos deverão ser objeto de medidas de prevenção e controlo (quadro 3).

Dina Ribeiro e José Manuel Rodrigues

Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas



Com confiança e seriedade ao seu lado no sector agro-florestal alentejano desde 1986

Consultaria e Projectos

- Elaboração, execução e acompanhamento de projectos florestais e paricolas:
- Planos de gestão florestal (PGF)
- Planos de gestão de Biodiversidade;
- Avaliações e partilhas;
- Sistemas de Informação Geografia (SIG e cartoarafia Digital

Serviços

- Arborização de terras agrícolas e rearborização de áreas incultas e ardidas;
- · Beneficiação de espaços florestais: Fertilizações, desbastes, limpezas de mato, desramações e podas de formação;
- Beneficiação de infra-estruturas Agro-florestais: caminhos, aceiros e pontos de águas;
- Regularização de linhas de água.

www.otrevo.pt

Quadro 1 - Principais organismos de quarentena detetados em Portugal continental

| Nome Científico (nome comum) | Distribuição geográfica | Espécies florestais hospedeiras | Sintomas e sinais | Principals medidas de prevenção e meios de controlo | Enquadramento legal |
|--|---|---|---|--|---|
| | | | 3. | Fungos | |
| Cryphonectria parasitica (Cancro do Castanheiro) | Alemanha, Austria, Bélgica, Bós- nia-Herzegovina, Canada, China, Correia do Notre, Correia do Sul, Cracia, Eslovenia, Espanha, EUA, Geórgia, Grécia, França, Hungria, India, Halfai, Japao, Macedónia, Polónia, Portugal (povoamentos e viveiros), Rússia, Suíça, Tunisia, Turquia e Ucránia. | Castanea spp. Quercus spp. | Ramos secos e amarelecimento parcial da copa (Veráo); Cancros multo tipicos no tronco e ramos; Formação à superfície dos cancros de pornidios alaranjados ou castanho-avermelhados; Formação de novos rebentos abaixo da zona do cancro; Morte de parte da copa ou mesmo de toda a árvore. | Medidas preventivas: Vullizar espécies/clones menos suscetiveis ao fungo. Vullizar espécies/clones menos suscetiveis ao fungo. Meios de luta: Inocular os cancos com estirpes hipovirulentas (menos agressivas); Realizar podas fitossanitárias (durante o período de repouso vegetativo) de ramos secos e partidos assim como de ramos com cancros; Desinfetar e isolar as zonas de corte ou de feridas com fungicidas adequados misturados com aderentes oleosos; Desinfetar o equipamento de poda antes e após qualquer intervenção na árvore; Desinfetar nadélira sobrante no local (queima ou enterramento), visto conter esporos e micélio do fungo. | Diretiva 2000/29/CE, de 8 de maio; Decreto-Lei n° 3-4/2005, de 6de setembro, alterado por diversos decretos-Leil ; Lista A2 EPPO, de setembro de 2012. |
| Fusarium circinatum (Cancro Resinoso do Pinheiro) | África do Sul, Chile, Espanha, EUA, Haiti, Iraque, Itália, Japão, Mexico e Portugal (viveiros). | Pinus spp. Pseudotsuga menzlesii | Em povoamentos, exsudações abundantes de resina no tronco e ramos, geralmente associa-das à presença de cancros; Amarelecimento das agulhas, seguido de avermelhamento e queda do topo para a base dos ramos; a semas, por a para e pase Nas plantas de viveiro, agulhas com coloração castanha avermelhada, podendo cocrer exsudações de resina em plantas mais velhas; Encurvamento dos ápices e lesões nos caules; As pinhas podem abortar antes de atingirem o tamanho nomal. | Medidas preventivas: Desinfetar as sementes com tratamentos adequados e não reutilizar as embalagens de sementes; Evitar a utilização de substratos à base de casca de pinheiro ou outros produtos vindos de confieras; Usar preferencialmente, contentores não reutilizados, los caso de serem reutilizados, proceder à sua Usar preferencialmente, contentores não reutilizados, los caso de serem reutilizados, proceder à sua Marie de mora de sepecies hospedeiras, nem recolher sementes na área afetada; Manter as plantações en mos estado vegetativo e eliminar plantas fracas e sobrantes de poda; Manter as plantações em bom estado vegetativo e eliminar plantas fracas e sobrantes de poda; Mora de luta: Menteria vegetal de espécies hospedeiras, En viverio, se evegenviel, tultizar inseticidas para evitar a dispersão do fungo e aplicar fungicidas para evitar o seu desenvolvimento; Retirar e quelmar as plantas infetadas, o mais próximo possível do local de produção; Sempre que cocrar transporte de plantas infetadas, estas devem ser acondicionadas em sacos de plástico bem fechados até a local da destruíção; Evitar a o máximo a movimentação de pessoal e maquinaria dentro do viveiro, junto dos lotes com especies hospedeiras; Em povoamentos, cortar as ávores atacadas o mais cedo possível, minimizando o manuseamento e transporte de material infetado. | Decisão da Comissão 2006/433/CE, de 18 de junho; Lista A2 EPPO, de setembro de 2012. |
| Phytophthora ramorum | Alemanha, Bélgica, Canadá, Croácia, Dinamarca, Eslovénia, Espanha, EUA, Finladia, França, Grécia, Holanda, Irlanda, Itália, Lituánia, Noruega, Polónia, Por- tugal (viveiros de ornamentais), Reino Unido, República Checa, Sérvia, Sulça e Suécia | Quercus spp. Castanea spp. | Cancros com exsudações escuras provenientes da casca infeateda, formando uma crosta sobre a casca quando secam; a parte interior da casca na zona da exsudação frea descolorada e morre; morte da advove, com a acques severos; Murchidão dos ápices e folhas (que passan de verde pálido a ecastanhadas) e queda prematura das folhas; Morte progressiva dos ramos quando hámuitos cancros nos ramos e tronco. | Medidas preventivas: Utilizar plantas de viveiro não infetadas; O material vegetal das espécies hospedeiras deve circular com passaporte fitossanitário. Meios de luta: Aplicação de tingicidas adequados que podem suprimir os sintomas, mas não matam o fungo; Eliminar, tão rápido quanto possível, as árvores/plantas infetadas, antes da Primavera/Outono (início da esporolação nas folhas). | Diretiva 2000/29/CE, de 8 de maio; Decreto-Lei n.º 154/2005, de 6 de setembro, alterado por diversos decretos-Lei 1; Decisão da Comissão 2002/37/CE, de 19 de setembro; Portaria n.º 179/2007, de 11 de Junho; Lista Alerta EPPO, de abril de 2013. |
| | | | Nem: | Nemátodos | |
| Bursaphelenchus xylophilus (Nemárodo da Madeira do Pinheiro - NMP) | Canadá, China, EUA, Japão, Mexico, Portugal (povoamentos), Republica da Coreia e Tailândia. | Abies spp. Cedrus spp. Larix spp. Pices spp. Pinus spp. Pseudotsuga spp. Tsuga spp. | Agulhas amareladas e murchas, começando pelas mais jovens; Subito declínio e morte das árvores, num perío- do de tempo que pode ir de algumas semanas a vários meses. | Medidas preventivas: Gerr de forma ativa os espaços florestais com identificação e eliminação de árvores com sintomas Gerr de forma ativa os espaços florestais com identificação e eliminação de árvores com sintomas Monitorização de insetos nocivos ao pinhal; Ficalizar e controlar a atividade de exploração florestal, com relevo para a Zona Tampão e para as zonas inferadas pelo nemátodo; Utilizar especies más resistentes. Melos de luta: Cortar e eliminar as árvores com declinio (sobretudo no Inverno); Utilizar armadiihas para captura do inseto vetor e de outros agentes bióticos de declinio (Verão). | Diretiva 2000/29/CE, de 8 de maio; Decreto-Lei n.º 154/2005, de 6 de setembro, Bertendo por diversos decretos-Lei!; Decisão da Comissão 2012/353/CE, de 26 de setembro; Decreto-Lei n.º 95/2011, de 8 de agosto; Lista A2 EPPO, de setembro de 2012. |
| Altonopologica Discontinuity I of a policy | Alexander (1.2) - 1.2 - | | OOOC/ | o o b trota and indeed to be should be a second of the sec | , , , , , , |

Quadro 2 - Organismos de quarentena existentes na União Europeia mas não detetados em Portugal continental

| Nome Científico (nome comum) | Distribuição geográfica | Espécies florestais hospedeiras | Sintomas e sinais | Principais medidas de prevenção e meios de controlo | Enquadramento legal |
|---|---|--|---|---|--|
| | | | Fungos | | |
| Hymenoscyphus pseudoalbidus (ou Chalara farifinea, na forma assexuada). ("Dieback" do Freixo) | Alemanha, Austria, Bélgica, Bielorrússia, Croácia, Dinamarca, Eslováquia, Eslovénia, Estória, Finlándia, França, Holanda, Hungiria, Italia, Japão, Letoria, Lituánia, Noruega, Polónia, Reno Unido, República Checa, República da Irlanda, Roménia, Rússia, Suécia, Suíça, Urrânia | Fraxinus sp.p. | Murchidão dos rebentos; Folhas com necroses, coloração anormal e queda excessiva e prematura; Murchidão das folhas que podem permanecer nos ramos; Tranco e ramos com cancros na parte lenhosa; Ramos em forma de "Vassoura de bruxa"; Casca necrosada com várias colorações mas ausência de exsudações; Descoloração interna da madeira normalmente no serudações; Morte progressiava dos rebentos, ramos, tronco e planta inteira ("Dleback"), particularmente nas plantas mais jovens. | Medidas preventivas: Adaquiri cos MRR em locais onde a doença não exista; Observar regularmente os MRR das espécies hospedeiras, particularmente os provenientes de países da UE Observar regularmente os MRR das espécies hospedeiras, particularmente os provenientes de la Mora de doença está declarada, para deteção visual de possíveis sintomas; Andra cas observar regularmente os MRR das espécies los posíveis sintomas; Desinfetar as sementes com fungicidas adequados e não reutilizar as embalagens de sementes; Usar, preferenterialmente, comentores não reutilizaveis. No caso de serem reutilizados, proceder à sua desinfeção antes de nova utilização e nova com qualquer espécie hospedeira, na área afetada; Manter as plantações em bom estada; Manter as plantações em bom estada; Manter as plantações em bom estada; Importar sementes, plantas ou material lenhoso só com certificado fitossanitário. Meios de lura: Mesos de lura material vegetal de espécies hospedeiras, es equipamentos antes e depois do manuseamento de material vegetal de espécies hospedeiras. Retirar e queinnar as plantas infetadas, o mais próximo possível do local de produção, para evitar o seu desenvolvimento. Retirar e queinnar as plantas infetadas, estas devem ser acondicionadas em sacos de plástico Sempre que ocorra transporte de plantas infetadas, estas devem ser acondicionadas em sacos de plástico Sempre que ocorra transporte de plantas infetadas, estas devem ser acondicionadas em sacos de plástico Sempre que ocorra transporte de plantas infetadas, estas devem ser acondicionadas em sacos de plástico Sempre que ocorra transporte de plantas infetadas, estas devem ser acondicionadas em sacos de plástico Sempre de máximo a movimentação de pessoal e maquinaria dento do viveiro, junto dos lotes com espécies En povoamentos, cortar as ávvores atacadas o mais cedo possível, minimizando o manuseamento e transporte de material infetado. | Lista Alerta EPPO, de abril de 2013. |
| Cronartium kamtscha- ticum (Ferrugem japonesa do pinheiro) | Japão e Rússia | Pinus spp. | Deformações na casca que podem evoluir para cancros. | Medidas preventivas: Evitar a localização de viveiros perto de potenciais focos de infeção. Melios de luta ha material infetado; Remover o material infetado; Aplicar fungicidas adequados, em viveiro. | Lista A2 EPPO, de setembro de 2012. |
| Mycosphaerella dearnessii (Ferrugem castanha das agulhas) | África do Sul, Alemanha, Belize, Canadá, China, Colómbia. Costa Rica, Cuba, EUA, França, Geórgia, Guatemala, Honduras, Jamaica México, Nicarágua e Suíça | Pinus spp. | Agulhas mais velhas com bolsas de resina amareladas, passando depois para castanho escuro no centro e laranjo amareladas na borda. Agulhas a castanhadas, caindo prematuramente; Em plantações ligeiramente infetadas aperas as agulhas com 2,3 anos asó afetadas, mas em ataques mais severos também são afetadas as agulhas do ano; Morte dos ramos e da árvore, após vários anos de infeção. | Medidas preventivas: Utilizar plantas provenientes de locais onde o fungo não esteja presente. Melos de luía: Queimar de forma controlada a folhada que está no solo; Aplicar fungicidas em viveiro e plantações jovens. | |
| Schirria pini syn Dothis- troma septosporum; Dothistroma pini (Doença dos anéis vermelhos) | Açores, África do Sul, Alemanha, Argentina, Australia, Austria, Brastla Buruei, Bulgária, Canadda, Colómbia, Coreia do Norte, Coreia do Sul, Costa Rica, Equados, Espanha, EUA, Filipinas, França, Georgia, Grécia, Gustemala, Horduras, India, Itália, Jamaica, Japão, Malawi, Nepal, Vidrañqua, Nova Zelándia, Paquistão, Quénia, Roménia, Reino Unido, Suíça, Tanzánia, Uganda, Uruguai, Zambia e Zimbabwe. | Pinus spp. Pseudotsuga menziesii | Manchas amarelas que dircundam as aguihas (Outono/ Invemo), ficando vermelhas mais tarde; Agulhas castanhas acima da infeção, acabando por engrossar e carir. Morte das árvores, particularmente as mais jovens, quan- do ocorrem desfolhas severas em anos consecutivos. | Medidas preventivas: Evitar elevadas densidades dos povoamentos; Aplicar bosa práticas culturais. Melos de luta: Eliminar o material infetado. | Diretiva 2000/29/CE, de 8 de maio; Decreto-Lei nº 154/2005, de 6 de setembto, alterado por diversos decretos-Leil; |
| | | | Insetos | | |
| Agrilus planipennis (Broca do freixo) | Canadá, China, Correia do Sul, EUA, Japão, Mongólia, Rússia | Fraxinus spp. Ulmus spp. Juglans spp. | Galerias larvares e orfícios de saída dos adultos; Amarelecimento e adelgaçamento das folhas; Morte progressiva dos ramos e da árvore. | Não são conhecidos métodos eficazes de prevenção e controlo. No entanto estão a ser estudadas medidas preventivas e meios de luta, nomeadamente: preventivas e meios de luta, nomeadamente: pylicação de inimegos naturais; Destruição das árvores infetadas. | Lista A2 EPPO, de setembro de 2012. |
| Anoplophora chinensis | China, EUA, Hong Kong, Itália, Malásia e Vietname | Acer spp. Alnus spp. Betula spp. Salix spp. | Galerias por baixo da casca e na madeira; Orifícios com serrim. | Medidas preventivas: Utilizar plantas provenientes de locais onde o inseto não esteja presente ou onde exista um controlo Misosanitário rigoroso. Meios de luta: Eliminar o material infetado. Estão ainda a ser estudados meios eficazes de luta química e biológica. | Lista A2 EPPO, de setembro de 2012; Decreto-Lein o 154/2005, de 6 de setembro, alterado por diversos decretos-Leil ; Decisão 2012/138/EU, de 1 de março. |
| Dryocosmus kuriphilus (Vespa dos casta- nheiros) | China, Coreia do Sul, Eslovénia, EUA, França, Hungria, Itália, Japão, Nepal e Suíça. | Castanea spp. | Sintomas difíceis de detetar por simples observação Visual, desde a postura eta eo sprimeriors instares; Aparecimento de galhas (5-20 mm de diámetro) nos ramos jovens, pecíclos e nervura central das folhas idbril), com coloração esverdeada passando depois para rosada, tornando-as mais visiveis; As galhas secas podem permanecer agarradas à árvoire durante dois anos. | Medidas preventivas: Utilizar plantas provenientes de países onde o inseto não esteja presente ou de locais de produção livres da sua presença. Meios de luta: Elimina ro material infetado; Aplicar inseticidas sistemicos, em viveiros. Utilizar inimigos naturais. | Lista A2 EPPO, de setembro de 2012; Decisão 2006/464/CE, de 27 de Junho. |
| 1 – Alterações ao Decreto | 1 – Alterações ao Decreto-Lei nº 154/2005, de 6 de setembro: Decretos-Leis n.os 193/2006, de 26 de setembro, 16/2008, de | s 193/2006, de 26 | | 24 de janeiro, 4/2009, de 5 de janeiro, 243/2009, de 17 de setembro, 7/2010, de 25 de janeiro, 32/2010, de 13 de abril e 95/2011, de 8 de agosto. | |

Quadro 3 - Organismos não de quarentena existentes em Portugal

| Nome Científico (nome comum) | Espécies florestais hospedeiras | Sintomas e sinais | Principais medidas de prevenção e meios de controlo |
|--|--|--|--|
| | | Fungos | |
| umillaria spp. Podridão agárica) | Quercus spp. Pinus spp. Castanea spp. Eucalyptus spp. | Seca progressiva e generalizada da copa; Presença de folhas pequenas, dispersas e gradualmente cloróticas; Raízes apodrecidas e pouco resistentes; Podridão branca do lenho; Exsudações gomosas no tronco. | Meios de luta: Utilizar fungos antagónicos, nomeadamente produtos à base de Tricho- derma. Desinfetar os materiais e equipamentos para evitar disseminação do funç durante a preparação do solo; Utilizar espécies não suscetíveis, sempre que possível. |
| iotryosphaeria spp. Cancro do eucalipto) | Eucalyptus spp. | Fendilhamento da casca e exsudação vermelho-escura; Cancros no tronco e ramos e amarelecimento e seca da copa; Ataques severos podem afetar o crescimento das árvores e a morte pro- gressiva dos ápices ("dieback"). | Meios de luta: Utilização de espécies/clones adaptados às condições locais e tolerantes ao fungo. Evitar adubações excessivas. Eliminação imediata e no local (sempre que possível) do material infetad |
| iotritis cinerea Bolor cinzento) | Pinus spp. Eucalyptus spp. | Descoloração do último lançamento (inicio da Primavera), passando a castanho, ao mesmo tempo que vai secando, pende e acaba por cair. | Meios de luta: Fungicidas cúpricos e sistémicos em viveiros. Remoção do material infetado; Evitar densidades excessivas das plantas, tanto em viveiros como nas plantações; Boas práticas culturais. |
| iiscogniauxia mediterrânea Carvão do entrecasco) | Quercus spp. Castanea spp. Eucalyptus spp. | Descoloração e redução do número e tamanho das folhas; Manchas negras na casca e exsudações viscosas, com fendilhamento do tronco e ramos; Morte da árvore após ataques prolongados. | Meios de luta: Eliminar as árvores muito infetadas e remover os sobrantes do povoa- mento; Cortar os ramos e desinfetar e proteger as feridas em árvores recuperáve com fungicida adequado; Desinfetar os materiais e instrumentos de poda. |
| Diplodia mutila Seca dos ramos) | Quercus suber Quercus ilex | Clorose das folhas e desfolha ligeira; Seca dos ramos e folhas; Necroses, fendilhamento e cancros nos ramos e tronco. | Medidas preventivas: Monitorizar os montados, para deteção precoce de novos ataques. Meios de luta: Cortar e queimar os ramos afetados. |
| leterobasidion annosum Podridão do cerne) | Pinus spp Abies spp. Picea spp. | Amarelecimento parcial da copa com declínio das árvores do topo para a base; Micélio branco no colo e tronco, por baixo da casca; Progressão da doença, em círculo, no povoamento. | Medidas preventivas: Utilização de espécies resistentes; Compassos largos para evitar contato entre as raízes. Meios de luta: Aplicar produtos adequados nas toiças para evitar infeção pelos esporos Aplicar o fungo antagónico Phlebiopsis gigantea nas toiças. |
| eptographium/ Ophiostoma pp. Azulado da madeira) | Resinosas e folhosas | Amarelecimento parcial da copa, secando do topo para a base; Azulamento da madeira e podridão das raízes; Ataques severos podem provocar morte da árvore. | Meios de luta: Controlar a população dos insetos vetores; Cortar e remover as árvores afetadas. |
| ophodermium seditiosum Desfoliação) | Pinus spp. Cupressus lusitanica | Agulhas com manchas anelares vermelho-acastanhadas (Primavera) com orla amarela; No Inverno, as manchas aumentam provocando a seca das agulhas. | Medidas preventivas: Evitar instalação de viveiros junto de povoamentos infetados. Meios de luta: Aplicar fungicidas cúpricos e sistémicos em viveiro. Nos povoamentos, remover o material infetado. |
| Mycosphaerella spp. Doença das manchas das olhas do eucalipto) | Eucalyptus spp. | Manchas necróticas, circulares e irregulare, nas folhas jovens; Desfolha dos ramos da base; Pequenos cancros no tronco das árvores jovens. | Medidas preventivas: Utilizar espécies/clones tolerantes à doença ou que formem folhas adult precocemente. |
| rhytophthora cinnamomi Doença da tinta) | Castanea spp., Jugians spp. e Quercus spp. | Emurchecimento e clorose das folhas, que podem permanecer agarradas aos ramos secas e enroladas Morte de cima para baixo de alguns ramos, podendo ocorrer morte da árvore; Ramos do ano deixam de crescer ou apresentam entre-nós mais curtos; Desenvolvimento de rebentação, junto ao tronco e abaixo das pernadas principais; Madeira com alteração de cor e diminuição da dureza; Podridão do colo e das raizes; No colo pode surgir uma mancha escura de contornos irregulares, em forma de Cunha. | Medidas preventivas: Utilizar espécies/clones menos suscetiveis ao fungo; Utilizar plantas micorrizadas e não infetadas; Realizar as plantações em solos bem drenados e com uma diversidade biológica que dificulte o desenvolviment o do fungo; Avaliar a dispersão da doença, numa escala regional; Implementar boas práticas culturais que protejam o castanheiro a longo prazo. Meios de luta: Utilizar fungicidas sos viveiros, para evitar a saída de plantas doentes; Aplicar fungicidas sistémicos tanto ao solo como na pulverização de árvores já instaladas, quando exequível; Destruir todo o material infetado com posterior desinfeção do solo; Não movimentar solo/substratos contaminados; Em viveiro, desinfetar todo o equipamento e ferramentas que tenham estado em contato com material infetado. |
| phaeropsis sapinea "Dieback" do pinheiro) | Pinus spp. | Avermelhamento, curvatura e morte dos ápices (Primavera/Verão); Bolsas de resina nos órgãos atacados e cancros nos ramos; Morte das árvores quando a infeção ocorre em anos sucessivos, podendo em viveiro provocar a morte de todas as plantas. | Medidas preventivas: Aplicar boas práticas culturais; Evitar instalar viveiros na vizinhança de povoamentos de pinheiros. Meios de luta: Utilizar fungicidas cúpricos e sistémicos, nos viveiros. |
| | | Insetos | |
| altica quercetorum Pulgão dos carvalhos) | Alnus spp, Corylus avellana Quercus spp. Salix spp. | Amarelecimento das copas; Folhas castanhas, ficando reduzidas a esqueletos de nervuras; Presença de insetos adultos (agosto). | Meios de luta: Aplicar inseticidas reguladores do crescimento ou produtos à base de Bacillus thurigiensis; Limpar terrenos, carros e camiões, pois a dispersão pode ocorrer através do transporte. |
| Coroebus florentinus Cobrilha dos ramos) | Castanea spp. Quercus suber Quercus ilex | Folhas avermelhadas e ramos mortos; Levantamento da casca devido à perfuração das larvas; Galerias longitudinais ou anelares debaixo da casca, com larvas esbranquiçadas no seu interior; Deformações nas árvores, podendo morrer se o ataque for muito forte. | Meios de luta: Podar e queimar os ramos atacados (Primavera), antes da emergência do adultos. |
| Coroebus undatus Cobrilha da cortiça) | Quercus suber Quercus ilex | Cicatrizes e manchas amareladas na casca à volta do tronco; Presença de galerias com excrementos e larvas achatadas e muito compri- das, depois do descorticamento; Descorticamento dificil, com as pranchas a quebrarem facilmente e boca- dos de cortiça a ficarem agarrados à zona cambial. | Meios de luta: Aplicar práticas culturais que melhorem as condições vegetativas dos montados. |
| Eurculio elephas Balanino) | Quercus spp. Castanea spp. | Frutos escurecidos com cicatriz junto ao orifício de postura; Larvas brancas e galerias com fezes castanhas dentro dos frutos; Frutos com orifícios de saida (2-3 mm) das larvas. | Meios de luta: Recolher os frutos caídos, para evitar que as larvas saiam e completem c seu ciclo de vida no solo; |
| ydia splendana Lagarta das castanhas) | Castanea spp. Quercus spp. | No castanheiro, os ouriços ficam castanhos; Lagartas dentro dos frutos rodeadas de excrementos; Queda prematura dos frutos, que apresentam orifícios de saída (1,5-3 mm) das larvas; | Mobilizar superficialmente o solo (Inverno/Primavera) para exposição da larvas às condições climatéricas adversas; Nos montados, pastoreio com porco de montanheira contribui para controlo da praga. |
| Dioryctria mendacella Lagarta das pinhas) | Pinus pinea | Pequenas pontuações acastanhadas nas pinhas em formação; Orificios irregulares nas pinhas com exsudação de resina e excrementos de lagartas; Galerías com excrementos, resina e larvas escuras com patas; Pinhas subdesenvolvidas e sem produção de semente. | Medidas preventivas: Recolher e remover todas as pinhas do ano; Instalar ninhos artificiais que fomentem a permanência de aves insetívor no povoamento. Melos de luta: Recolher e destruir as pinhas afetadas. |
| | | | |

| Gonipterus platensis (Gorgulho do eucalipto) | Eucalyptus spp. | Folhas com massas de ovos castanhas escuras e recortes circulares e profundos nas margens; Galerias na epiderme das folhas; Folhas com filamentos longos de excrementos negros; Ramos com casca roída e desfolha dos ramos terminais. | Medidas preventivas: Utilizar espécies/clones menos suscetiveis; Evitar plantações em altitudes superiores a 300-400 m. Meios de lutà: Utilizar inseticidas de contato e ingestão, apenas em viveiros ou pomares; Utilizar o parasitoide Anaphes nitens; Mobilizar o solo para expor as pupas. |
|--|---|---|--|
| lps sexdentatus (Bóstrico grande) | Pinus spp. | Copa rarefeita com agulhas descoloradas, podendo conduzir à morte da árvore; Casca solta e com serrim grosso amarelo alaranjado e orificios circulares (superiores a 4 mm); Bolsas de resina no tronco e galerias em estrela e irregulares no entrecasco. | Medidas preventivas: Remover as árvores em declínio, queimadas e o material resultante da exploração florestal; Remover as árvores recém cortadas com casca, durante o período de maio risco de ataque. Meios de luta: Aplicar inseticidas de contato em madeira cortada e descascada. Utilizar armadilhas de voo com feromonas e árvores-armadilha. Eliminar as árvores afetadas. |
| Leptoglossus occidentalis (Sugador de pinhas) | Pinus spp. Picea spp. Abies spp. Cedrus spp. Pseudotsuga spp. | Não existem sintomas específicos associados aos ataques deste inseto, o que dificulta a identificação dos danos causados nas pinhas. | Meios de luta: Colocar armadilhas com feromonas; Recolher pinhas para análise e eliminar as pinhas afetadas. |
| Leucaspis spp. (Cochonilha branca do pinheiro) | Pinus spp. | Agulhas com manchas brancas e necroses; Descoloração e desfolha da copa e seca e morte dos rebentos. | Meios de luta: Eliminar as árvores afetadas. |
| Lymantria díspar (Limantria) | Castanea spp. Quercus suber Quercus ilex | Posturas no tronco e ramos grossos; Lagartas com pelos urticantes no tronco e copa; Desfolha da copa, perda de frutificação e dificuldade de extração da cortiça. | Meios de luta: Utilizar inseticidas à base de Bacillus thurigiensis; Aplicar armadilhas com feromonas; Utilizar parasitoides naturais e aves predadoras; Destruir as posturas. |
| Malacosoma neustria (Lagarta de libré) | Castanea spp., Quercus suber e Quercus ilex | Posturas nos ramos mais pequenos (do Verão à Primavera); Lagartas (Primavera) que destroem os rebentos afetando o crescimento e a frutificação; Desfolha da copa. | Meios de luta: Utilizar inseticidas à base de Bacillus thurigiensis. Eliminar os ramos com posturas (Inverno); Cortar e queimar as teias com lagartas (Primavera). |
| Orthomicus erosus (Bóstrico pequeno) | Pinus spp. | Amarelecimento generalizado da copa, conduzindo à morte da árvore; Casca solta com serrim grosso amarelo alaranjado e orificios circulares (superiores a 4 mm); Galerias em estrela e irregulares no entrecasco. | Medidas preventivas: Remover as árvores em declínio, queimadas e do material resultante da exploração florestal; Remover as árvores recém cortadas com casca, durante o período de maio risco de ataque. Meios de luta: Aplicar armadilhas de voo com feromonas e árvores-armadilha. Eliminar as árvores afetadas. |
| Periclista spp. (Lagarta verde) | Quercus suber e Quercus ilex | Desfolha parcial da copa, de cima para baixo; Folhas roidas, podendo ficar só com as nervuras. | Meios de luta: Mobilizar o solo até 10 cm para expor as pupas. |
| Phoracantha semipunctata (Broca do eucalipto) | Eucalyptus spp. | Copa amarelada (Outono) e fendilhamento da casca; Galerias com serrim amarelo e orificios ovais no tronco; Morte das árvores. | Medidas preventivas: Evitar plantações em zonas sujeitas a seca ou encharcamento prolongados Remover as ávrores debilitadas ou mortas. Meios de luta: Utilizar o parasitoide Avetianella longoi durante o período de voo dos adultos; Aplicar armadilhas de toros com cola (Verão). Remover as ávrores afetadas (Inverno). |
| Pineus pini (Afídeo lanígero do pinheiro) | Pinus spp. | Casca e ramos com colónias de afídeos densamente aglomerados de cor branco-cinzento; Descoloração das agulhas, podendo ocorrer deformação, seca e morte dos rebentos jovens; Exsudação pegajosa, que é colonizada por fungos. | Meios de luta: Desbastar e cortar as árvores afetadas. |
| Pissodes castaneus (Gorgulho pequeno do pinheiro) | Pinus spp. Larix europaea Picea excelsea | Casca com pequenas pontuações, podendo exsudar resina; Copa avermelhada com desfolha parcial e agulhas pendentes; Seca e morte dos ramos; Casca solta com galerias subcorticais e câmaras pupais caraterísticas, com fibras enroladas; Orifícios circulares na casca; Rebentos e casca de árvores jovens roídos e com gotas de resina. | Medidas preventivas: Remover as árvores com sintomas de declínio e os sobrantes de exploraçã florestal; Promover a presença de aves predadoras (Pica-pau). Meios de luta: Utilizar armadilhas de toros (Primavera/Outono); Eliminar as árvores atacadas, antes da emergência dos adultos. |
| Pissodes validirostris (Gorgulho das pinhas) | Pinus pinea | Pinhas subdesenvolvidas, com manchas que emitem forte exsudação de resina, com orifícios circulares e galerias com excrementos finos, resina e larvas sem patas. | Meios de luta: Recolher e destruir as pinhas afetadas. |
| Pityogenes bidentatus (Bóstrico bidentado) | Pinus spp. | Amarelecimento generalizado da copa, conduzindo à morte da árvore; Casca solta com serrim fino alaranjado e orifícios circulares (1 mm); Galerias em estrela e irregulares no entrecasco. | Medidas preventivas: Remover as árvores em declínio, queimadas e o material resultante da exploração florestal. Meios de luta: Utilizar armadilhas de voo com feromonas, cairomonas e atrativos sintéticos e armadilhas de sobrantes. Eliminar as árvores afetadas. |
| Platypus cylindrus (Platipo) | Castanea spp. Quercus suber Quercus ilex | Folhas vermelho-acastanhadas; Serrim alaranjado e orificios circulares (2 mm) no tronco e ramos; Galerias que penetram profundamente na madeira, onde se podem encon- trar ovos, larvas, pupas e adultos; Morte da árvore 3 a 18 meses após o ataque. | Meios de luta: Eliminar as árvores atacadas antes da emergência dos adultos. |
| Rhyacionia buoliana (Torcedoura) | Pinus spp. Pseudotsuga menziesii | Casulos de seda entre as agulhas dos gomos terminais, que ficam deformados e vão amarelecendo; Lagartas no interior dos rebentos que acumulam resina na sua base; Destruição do gomo terminal, com curvatura caraterística. | Medidas preventivas: Aplicar boas práticas que melhorem o estado vegetativo dos povoamentos. Meios de luta: Eliminar os rebentos atacados; Instalar armadilhas com feromonas; No viveiro, destruir as plantas afetadas. |
| Thaumastocoris peregrinus (Percevejo bronzeado do eucalipto) | Eucalyptus spp. | Descoloração das folhas e queda prematura; Ainda pão so conhecem medidas preventivas e meios d | |
| Thaumetopoea pityocampa (Processionária do pinheiro) | Pinus spp. | (dieback) e da própria árvore. Agulhas roídas, avermelhadas, secas e com acumulação de excrementos finos na base, acabando por cair; Ninhos brancos sedosos na extremidade dos ramos (Outono); Lagartas em fila, ao longo do tronco das árvores atacadas ou no solo, em busca de locais para enterramento (Fevereiro a Maio); Desfolha total da copa. Medidas preventivas: Witar podas excessivas em povoamentos atacado Meios de luta: Aplicação aérea de inseticidas (outono); Instalar armadilhas com feromonas; Recolher e destruir os ninhos (Inverno); Destruir as lagartas e pupas de forma mecânica no adesivas no tronco das árvores, na fase em que ini | |
| Tomicus piniperda e Tomicus destruens (Hilésina do pinheiro) | Pinus spp. | Amarelecimento generalizado da copa, conduzindo à morte da árvore; Casca com serrim amarelo alaranjado e orificios circulares no tronco; Galerias lineares e galerias irregulares no entrecaso; Raminhos secos com orificios de entrada e caídos no solo. | Medidas preventivas: Remover as árvores em declínio, queimadas e o material resultante da exploração florestal. Meios de luta: Instalar armadilhas de voo com feromonas e de toros ou árvores-arma- dilha; Eliminar as árvores atacadas; Tratamento da madeira atacada, depois de descascada, com inseticidas de contacto. |
| Tortrix viridana (Burgo) | Quercus suber Quercus ilex | Folhas enroladas longitudinalmente abrigando as larvas e gomos do ano destruídos; Lagartas suspensas por fios de seda; Desfolha parcial ou total das árvores. | Medidas preventivas: Garantir condições para manter o complexo de inimigos naturais. Meios de luta: Utilizar inseticidas à base de Bacillus thurigiensis. Instalar armadilhas com feromonas. |
| Xyleborus díspar (Xileboro europeu) | Quercus suber Quercus ilex | Saída de seiva escura de orifícios de entrada localizados no tronco e ramos; Galerias perpendiculares ao eixo do tronco/ramos, passando para galerias circulares com várias galerias laterais, reduzindo assim a qualidade da madeira; Morte de árvores jovens após ataques severos. | Meios de luta: Eliminar as árvores atacadas ou mortas. |

BIBLIOGRAFIA

Sousa, E., Evangelista, M. Rodrigues, J.M. 2007. Identificação e monitorização de pragas e doenças em povoamentos florestais. Direção Geral dos Recursos Florestais. Bragança H., Simões S., Capelo M., Marcelino J., Santos N., 2008. Prospeção e distribuição geográfica do cancro do castanheiro em Portugal. Revista de Ciências Agrárias: 148-158. Listas A1 e A2 da OEPP.

TerraGes, Equipamentos Profissionais para Gestão de Recursos Naturais

ATERRAGES foi fundada no ano de 2005 e desde então tornou-se uma referência a nível nacional no fornecimento de equipamentos profissionais para gestão de recursos naturais.

Os equipamentos de referência da TerraGes são recetores portáteis GPS para Cadastro e SIG e Instrumentos de Dendrometria e Inventário Florestal.

Desde 2005 a TerraGes já forneceu mais de 500 equipamentos GPS e é hoje em dia reconhecidamente como uma das empresas a consultar quando se trata de aquisição de equipamentos GNSS para SIG e Cadastro.

De entre os principais clientes da Terra-Ges destacam-se a GALP, REN, EDP, Portucel Soporcel, Associações Florestais, Gabinetes Técnicos Florestais, Direções Regionais de Agricultura e Pescas, o ICNF assim como inúmeras empresas que exercem a sua atividade no sector agroflorestal.

As soluções GPS que a TerraGes fornece são hoje usadas para controlo de áreas por parte das DRAPs quer pela sua elevada precisão em campo quer pela simplicidade de utilização.



Os equipamentos GPS possuem software de campo e de gabinete em Português, importação de imagens raster e vetores em pano de fundo, criação personalizada de layers e suas listas de atributos, para além de total configuração de sistemas de coordenadas, exportação de levantamentos em formato shapefile, Google Earth e DXF bem como máquinas fotográficas digitais integradas para georreferenciação de fotografias.

Relativamente aos equipamentos para inventário florestal, a TerraGes é a representante em Portugal da mundialmente conhecida Haglof Sweden AB, fabricante dos conhecidos Hipsómetros Vertex, Vertex Laser bem como de Sutas e Verrumas.

A Haglof Sweden acabou de lançar novos produtos de onde destacamos as novas Sutas Digitais profissionais que permitem a cubicagem de material lenhoso com disponibilização dos resultados em campo. Desta forma, produtiva e inovadora, os técnicos e responsáveis pela gestão dos povoamentos não perderão tem-



po em cálculos nem terão a preocupação de anotar os dados em papel.

A TerraGes é igualmente fornecedora de equipamentos de elevada robustez, os chamados "Rugged Field Computers" que permitem a recolha de dados em campo, georreferenciados ou não, com total segurança, fiabilidade e comodidade.

Os "Rugged Field Computers" possuem conectividade ilimitada, antenas GPS e são um poderoso aliado dos técnicos que procuram uma ferramenta com um longo período de vida, resistente a água, poeiras e impactos e com elevada capacidade de processamento de informação.



São de facto estes os equipamentos de eleição para todos os técnicos que procuram ferramentas fáceis de utilizar e com uma capacidade produtiva acima da média.

A TerraGes também lançou recentemente sistemas GPS para Agricultura de Precisão da Leica Geosystems que permitem a otimização de tempo e de recursos nas mais variadas atividades, quer de mobilização, fertilização ou sementeira. A empresa é formada por técnicos li-



gados à Engenharia Florestal, Agro-Industrial e Sistemas de Informação Geográfica e tem como objetivo fornecer a utilizadores profissionais as mais modernas e inovadoras ferramentas para que o seu trabalho seja mais eficiente e simples de desenvolver.

Para além do fornecimento destas ferramentas a TerraGes possui também programas de formação que, em conjunto com a ANEFA, permite aos seus associados ou técnicos interessados, o contacto com estas ferramentas e aprendizagem da utilização das mesmas em campo, contribuindo para uma melhoria contínua das valências dos técnicos.

Visite o novo website da TerraGes, reformulado e mais completo, com uma maior gama de produtos e soluções onde os interessados poderão inclusivamente aceder a vídeos de apresentação dos equipamentos da TerraGes.

Texto: Conteúdos cedidos pela Gerência













Os cogumelos silvestres – Um recurso não-lenhoso de valor mas pouco explorado

A MAIORIA DOS FUNGOS filamentosos (vulgarmente denominados por bolores) são seres vivos quase imperceptíveis, contudo algumas espécies (maioritariamente Ascomycota ou Basidiomycota) investem em estruturas reprodutoras bem conhecidas – os cogumelos. Estes são responsáveis pela produção e dispersão dos esporos cujas funções são semelhantes às das sementes.

Os fungos produtores de cogumelos desempenham um papel crucial nos ciclos de nutrientes, na estruturação e protecção do solo e na sanidade dos povoamentos florestais. As distintas espécies fúngicas asseguram distintos serviços, consoante o seu modo de

nutrição: 1) fungos sapróbios: reciclagem da matéria orgânica, em particular dos materiais mais recalcitrantes como a lenhina, disponibilizando nutrientes sob formas assimiláveis para as espécies vegetais; 2) fungos parasitas: eliminam fitoparasitas, por exemplo protozoários e nematodes; 3) fungos simbiontes: favorecem o crescimento e desenvolvimento de diversas espécies vegetais, na medida em que lhes fornecem directamente água e nutrientes essenciais (nomeadamente fósforo e azoto) e lhes conferem protecção contra agentes patogénicos.

Os cogumelos assumem uma panóplia de formas, cores, cheiros e texturas bastante curiosas e apelativas. Contudo, o facto de surgirem e desaparecerem de uma forma quase instantânea, e de possuírem propriedades medicinais, alucinogénicas e/ou tóxicas, fomentou o desenvolvimento de um sentimento de micofobia ou micofilia, que varia geograficamente. Em Portugal, apesar do generalizado sentimento de micofobia, prevalece uma importante tradição de colheita intrínseca à cultura de cada região e um conhecimento empírico de identificação de algumas espécies de cogumelos, que é aplicado, principalmente, na recolha de cogumelos comestíveis para auto-consumo ou venda clandestina.

Entre as espécies de cogumelos comestíveis, destacam-se pelo seu valor comercial: a silarca (Amanita ponderosa), as túberas (Terfezia spp.), os tortulhos ou cepas (Boletus gr. edulis), a laranjinha (Amanita caesarea), o rapazinho (Cantharellus cibarius), as sanchas (Lactarius qr. deliciosus) e a língua de gato (Hydnum repandum). Para além do seu inegável valor gastronómico, os cogumelos enunciados são produzidos por fungos micorrízicos, que dependem da simbiose estabelecida com árvores e/ou arbustos para subsistirem, não sendo possível produzi-los em substratos orgânicos. Por essa razão o seu valor comercial é elevado, podendo ascender aos 30 € por quilo, dependendo essencialmente do calibre e estado de maturação do cogumelo.

Existem ainda outros cogumelos comestíveis que ocorrem em abundância nas florestas e áreas incultas – a púcara ou fradinho (Macrolepiota procera), o pé-azul (Lepista nuda), os agaricus (Agaricus spp.), o coprino (Coprinus commatus) e a orelha-de-judas (Auricularia auricula-judae) – que são produzidos por espécies decompositoras, e apesar de não serem habitualmente comercializadas são relevantes na economia das populações rurais.



l anterna Vermelha



Ninhos Passarinhos Celeste



Tortulho ou Boleto Celeste

Para além dos cogumelos comestíveis, ocorrem espontaneamente espécies com interesse medicinal, como Ganoderma lucidum, Macrolepiota procera, Pleurotus ostreatus e Trametes versicolor. Estas constituem uma vasta e ainda inexplorada fonte de compostos activos benignos, com aplicações sobretudo como potenciadores do sistema imunitário e com acção anti-tumoral. A maioria destes compostos activos são polissacarídeos, também conhecidos por B -glucanos, que interagem com o sistema imunitário, regulando aspectos específicos da nossa resposta imunológica, aumentando as defesas do organismo contra agentes patogénicos. Outros compostos apresentam a capacidade de destruir radicais livres e têm efeitos citotóxicos sobre as células cancerígenas.

Os cogumelos silvestres são um recurso florestal não-lenhoso pouco explorado, mas com enorme potencialidade quando se pretende uma gestão equilibrada, quer do ponto de vista económico, quer do ponto de vista ecológico e paisagístico. Nesse sentido, a comercialização de cogumelos comestíveis e/ou medicinais, a par de outras actividades como o micoturismo, poderiam constituir uma mais-valia para os proprietários florestais, que equacionariam a exploração dos recursos micológicos a par das restantes actividades desenvolvidas. Urge por isso, divulgar a relevância ecológica e o valor económico dos recursos micológicos, bem como as práticas de gestão adequadas para a produção dos diversos cogumelos



silvestres, junto de proprietários, associações e agentes de desenvolvimento local.

Numa tentativa de colmatar esta lacuna, a Universidade de Évora tem realizado estudos que visam contribuir para a avaliação da riqueza de cogumelos silvestres, promovido acções de divulgação sobre o património micológico e está actualmente envolvida em projectos que visam a valorização da exploração dos recursos micológicos. Mais recentemente, foi criado no Instituto de Ciências Agrárias e Ambientais (ICAAM) da Universidade de Évora, o primeiro "Serviço de Aconselhamento e Consultoria na Área dos Recursos Micológicos".

São responsáveis por este Serviço a Prof^a Doutora Celeste Santos e Silva e o Mestre Rogério Louro, investigadores do ICAAM, especialistas no estudo dos recursos micológicos, e que têm desenvolvido a par dos seus projec-



tos de investigação várias acções de divulgação para o público em geral.

Celeste Santos e Silva

(Universidade de Évora, Departamento de Biologia. ICAAM)

Rogério Louro

(Universidade de Évora, ICAAM)

Breve

A única forma de distinguir cogumelos comestíveis dos tóxicos é através de uma identificação cuidadosa, que requer muito treino e experiência. Não existem regras gerais para fazer essa distinção e, por isso, as crenças populares, de que os cogumelos tóxicos escurecem objectos de prata ou dentes de alho e que os cogumelos comidos pelos animais não são tóxicos para o Homem, são falsas. Se não sabe ou não tem certezas não faça, pergunte a quem sabe.

acosmic Revista e web

FLORESTA

- Actualidades do sector
- Novidades em máquinas e equipamentos

VENDA AQUI OS SEUS EQUIPAMENTOS USADOS www.abolsamia.pt/ads-ocasion.php

Mais de 1.200 visitas diárias

Contacte-nos: 219 830 130 • Email: abolsamia@abolsamia.pt • www.abolsamia.pt

Portugal sem regulação para apanha de cogumelos

DE ENTRE OS PAÍSES do sul da europa, Portugal é dos países onde a variedade e quantidade de espécies de macrofungos comestíveis, vulgarmente designados por cogumelos, é bastante grande e onde a apanha deste recurso silvestre não dispõe de qualquer regulação.

No que respeita ao consumo, pode afirmar-se que Portugal é um país micofóbico, pois os cogumelos silvestres não integram habitualmente a dieta alimentar dos portugueses, quer por desconhecimento do seu valor nutritivo e valor gastronómico, quer pela conotação que tiveram em tempos idos de serem considerados a "carne dos pobres". Pelo contrário em Espanha, França ou Itália a procura e consumo de cogumelos silvestres é, tradicionalmente, muito elevada pelo que a actividade de colheita, principalmente a destinada ao consumo humano, obedece a regras e requisitos estabelecidos em diplomas legais, por forma a salvaguardar a sustentabilidade e a continuada produção deste recursos e a preservação dos seus habitats.

A apanha de cogumelos silvestres é uma actividade atractiva, seja com carácter lúdico ou comercial .O interesse crescente pelos recursos naturais, reflecte-se no incremento de passeios micológicos que todos os anos acontecem, organizados e promovidos por estabelecimentos de ensino, por associações e outras organizações de produtores florestais, por entidades ligadas ao turismo ou ao desenvolvimento regional e local. A apanha destinada ao comércio é igualmente bem conhecida e com maior intensificação atendendo os acréscimos ao rendimento (podem atingir valores da ordem os milhares de euros /época/ ano) passiveis de se obterem com esta actividade, sem qualquer regulação ou controlo.

Apesar das diversas iniciativas e eventos realizadas e destinados à divulgação e informação sobre a colheita e o

consumo de cogumelos silvestres são, anualmente, noticiados casos de intoxicações por vezes fatais, resultado da ingestão de cogumelos silvestres tóxicos. Na sua maioria, estes casos acontecem quando:

- Os apanhadores colhem espécies tóxicas confundíveis;
- Se colhem espécies em estado muito jovem, sendo mais difícil a sua identificação com precisão;
- Se misturam no mesmo recipiente de transporte espécies comestíveis com espécies tóxicas e não procedem a uma cuidadosa triagem/selecção,

dos diferentes exemplares de espécies apanhados, antes do seu consumo:

• Os apanhadores são pouco experientes no reconhecimento de espécies da região. Por vezes uma mesma espécie pode apresentar diferenças na cor e dimensão do himénio (chapéu), altura do pé, entre outras, conforme as características do solo e condições meteorológicas em que cresce e reproduz.

A identificação de espécies de cogumelos silvestres requer, de facto, conhecimento de um conjunto de



Cesto com Cantharellus cibarius



Colheita de Cantharellus cibarius



Exemplares de Amanita ponderosa em diferentes estados de crescimento

características a observar aquando

da colheita. Os Guias de campo são auxiliares importantes que devem acompanhar o apanhador, no entanto e principalmente para os iniciados na actividade é de todo recomendável a aquisição de conhecimentos através de formação própria para o efeito e ou por acompanhamento, frequente e regular, de coletores experientes. Embora não exista, ainda, um único Guia para a Identificação de todas as espécies de cogumelos silvestres comestíveis em Portugal Continental, existem Guias sobre as principais espécies para determinadas zonas /regiões do nosso país, a título de

"Guia de campo de cogumelos silvestres da mata nacional das dunas de Quiaios"; "Cogumelos do Paul da Madriz"; "Cogumelos da Parrosipha, Aleácer do Sal";

exemplo:

"Cogumelos da Barrosinha - Alcácer do Sal"; "Cogumelos dos Parques de Sintra" "Guia de Campo – 50 Cogumelos Silves-

"Guia de Campo – 50 Cogumelos Silvestres das Beiras de Interesse em Conhecer"

Aquando da colheita de cogumelos silvestres é igualmente importante fazê-lo de acordo com um conjunto de boas práticas e recomendações, no intuito de:

- Salvaguardar o equilíbrio do ecossistema e a continuidade das espécies;
- Garantir a sustentabilidade da exploração dos recursos micológicos;
- Minimizar riscos de intoxicação;

• Esclarecer mitos e falsas crenças Desse conjunto de boas práticas destaca-se o tipo de utensílios e ferramentas a usar na apanha e transporte dos cogumelos, zonas a evitar ou interditas proibidas pelos proprietários ou por motivos de investigação entre outros. Encontra-se disponível na internet informação sobre boas práticas a aplicar na colheita de cogumelos silvestres bem como recomendações para o seu consumo.

Algumas regras e recomendações po-

dem evitar situações de intoxicação:

- Não colher cogumelos em zonas sujeitas a poluição ou terrenos agrícolas onde se apliquem pesticidas;
- Rejeitar os cogumelos velhos ou que apresentam sinais de deterioração;
- Mesmo no caso das espécies comestíveis o consumo de cogumelos deve ser moderado. Comer pequenas quantidades de cada vez e nunca em refeições ou dias seguidos (particularmente se é a primeira vez que consome determinada espécie);
- Evitar beber álcool quando experimentar espécies que nunca consumiu e não consuma álcool com certas espécies como, por exemplo, *Coprinus atramentarius*;
- Evitar o consumo de cogumelos silvestres, por parte das crianças, mesmo aqueles considerados seguros;
- Reservar pelo menos 1 exemplar (em fresco) de cada uma das espécies consumidas. Em caso de intoxicação devem ser mostrados ao médico permitindo-lhe fazer um diagnóstico adequado e iniciar o tratamento atempadamente;
- Em caso de dúvida, sobre a comestibilidade dos cogumelos, não os coma!

Texto e Fotografias: Helena Vicente

Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas



Numa parceria entre a Direcção Geral de Desenvolvimento Rural (DGADR) e o Instituto da Conservação da Natureza e Florestas (ICNF) foi desenvolvido um projecto "Promover os Recursos micológicos" tendo resultado:

- Edição de um Manual de Boas Práticas de Colheita e Consumo de Cogumelos silvestres;
- Edição de um Guia de Campo sobre as principais espécies de cogumelos silvestres comestíveis e com interesse comercial em Portugal (em breve disponível nos portais da DGADR e do ICNF);
- Cursos de formação, regulamentados pelo Despacho n.º8213/2011:
 - Formadores em micologia
 - Técnicos de micologia
 - Coletores
- · Ações de divulgação
- · Projeto "Micosylva"
- Projecto INTERREG SUDOE IVB: www.micosylva.com

Ecorede - Silvicultura e Exploração Florestal, SA





A ECOREDE assume-se como uma Organização que visa a gestão da cadeia de valor associada à área florestal e ambiental, atuando preferencialmente nos domínios da silvicultura, da exploração florestal, da gestão de espaços verdes, e dos resíduos sólidos urbanos/limpeza urbana.

Desde o início da sua atividade que tem procurado consolidar a posição junto dos clientes, através da fidelização dos mesmos, os quais correspondem a empresas de referência ou entidades públicas.

No domínio da silvicultura, a EcoRede assume competências em tarefas que incluem o abate arbóreo, a desmatação, o desenraizamento e a reconversão do uso do solo, respondendo a necessidades de empresas concessionárias ou municípios.

Estão também presentes nas intervenções de desmatação de áreas futuramente ocupadas por aproveitamentos hidroelétricos ou reservas de água, obras executadas para empresas cons-



trutoras, com objetivos distintos desde a produção de energia até ao abastecimento de água às populações.

Na área de exploração florestal, executam operações de transformação de matéria-prima, desde a aquisição de madeira aos proprietários, ao corte, à rechega e transporte da propriedade até às unidades industriais de consumo. Também apresentam soluções de comercialização de biomassa florestal. Na área de espaços verdes, a EcoRede apresenta soluções adequadas para a conceção, construção, tratamento, manutenção e limpeza de espaços verdes.

Os resíduos sólidos urbanos e a limpeza urbana é a área de negócio mais recente, contudo aquela que apresenta um crescimento exponencial no ano em curso, sendo por isso uma área de atividade onde investiram fortemente na aquisição de equipamentos, adequados às novas exigências ambientais, e na contratação de recursos humanos com qualificações elevadas,

resultantes da sua experiência em contratos plurianuais de grande dimensão.

Com uma vasta experiência na área florestal, a EcoRede presta ainda serviços de consultoria, com especial destaque para a implementação de sistemas de gestão com vista à certificação da gestão florestal ou da cadeia de responsabilidade, incluindo em matas públicas.

A EcoRede está acreditada pelas normas NP EN ISO 9001:2008 – Sistema de Gestão da Qualidade, NP EN ISO 14001:2004 – Sistema de Gestão Ambiental, e pelo referencial OHSAS 18001:2007/NP 4397:2008 – Sistema de Gestão da Segurança e Saúde no Trabalho

No ano de 2013 obtiveram a certificação da cadeia de responsabilidade pelos referenciais FSC – Forest Stewardship Council e PEFC – The Programme for the Endorsement of Forest Certification.

Iniciaram já a implementação da Norma SA 8000 – Responsabilidade Social, prevendo-se a certificação do sistema de gestão no decurso do ano de 2014. Desde 2011 que alcançaram o estatuto de PME Líder, renovado no ano de 2012 e em 2013.

A internacionalização dos serviços é um desígnio estratégico, iniciado em Espanha no domínio da silvicultura, e expandido na atualidade para África (Moçambique e Senegal) e para a América do Sul (Colômbia).

Texto: Conteúdos cedidos pela Gerência



| | OUTUBRO | | | |
|----------|---|---|--|--|
| DIA | EVENTO | LOCAL | | |
| 2 | Jornadas da Sanidade Florestal Pinhal | Portugal – Junta de Freguesia de Pegões | | |
| 3-6 | Agricultural Equipment | Letónia - Riga | | |
| 4 | Seminário "Interprofissionalismo na Fileira da Cortiça: modelo de futuro" | Portugal - Fórum Fundação Eugénio de Almeida, Évora | | |
| 8 | FFA - Fórum para o Futuro da Agricultura 2013 - "O desafio agro-florestal – produzir salvaguardando o ambiente" | Portugal - Auditório Champalimaud (Lisboa) | | |
| 8-10 | How to communicate on pests and invasive alien plants? | Portugal - Oeiras | | |
| 9 | Jornadas da Sanidade Florestal Montado | Portugal – Observatório do Montado e da Cortiça, Coruche | | |
| 16 | Jornadas da Sanidade Florestal Eucaliptal | Portugal – Figueira da Foz | | |
| 17 | 3ª Conferência VIDA RURAL "Hortofrutícolas: estratégias para a competitividade" | Portugal - Associação Comercial de Lisboa | | |
| 22-24 | Expobioenergia | Espanha - Valladolid | | |
| 23 | Jornadas da Sanidade Florestal Outros Sistemas Florestais | Portugal – UTAD, Vila Real | | |
| 23-26 | Elmia Agriculture Machinery & Cultivation | Suécia - Jonkoping | | |
| 24 | 3ª edição das Conferências Vida Rural com o tema Hortofrutícolas: estratégias para a competitividade | Portugal - Associação Comercial de Lisboa, Lisboa | | |
| | NOVEMBRO | | | |
| DIA | EVENTO | LOCAL | | |
| 6-8 | Expocorma | Chile – Concepción | | |
| 12-16 | Agritechnica Hannover Alemanha – Hannover | | | |
| 22-24 | Pinlândia - Helsínquia Finlândia - Helsínquia | | | |
| 26-28 | Sitevi | França - Montpellier | | |
| DEZEMBRO | | | | |
| DIA | EVENTO | LOCAL | | |
| 3-8 | Agribex | Bélgica - Bruxelas | | |
| | | • | | |



4 números



8 números



| _ | _ | _ | |
|------------|------------|----------------------------|---------------------|
| T . 7 | • | | A 3 TTT A |
| Drotordo | 00017007 | 0 1)01770+0 | V V I I . I . V |
| PIDIDITION | | $A \times A \cap C \cap A$ | $A \cap E \in A$ |
| Pretendo | CADDITICAL | α α | / \ \ / \ |

Simpósio "Agricultura Energia e Ambiente"

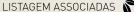
| Nome | | | |
|---------------|-------|-----|--|
| Morada | | | |
| Código Postal | | NIF | |
| Telefome | Email | | |

Portugal - Évora

Pagamento por cheque dirigido à **ANEFA-Associação Nacional de Empresas Florestais. Agrícolas e do Ambiente**. Rua dos Arneiros 72 A c/v A 1500-060 Lisboa

| DIPLOMA | SUMÁRIO |
|--|--|
| Regulamento de Execução (UE) n.o 568/2013, de 18 de junho de 2013 Comissão Europeia | Aprova a substância ativa timol, em conformidade com o Regulamento (CE) n.o 1107/2009 do Parlamento Europeu e do Conselho, relativo à colocação dos Produtos Fitofarmacêuticos no mercado, e que altera o Anexo do Regulamento de Execução (UE) n.o 540/2011 da Comissão |
| Regulamento de Execução (UE) n.o 570/2013, de 17 de junho de 2013 Comissão Europeia | Aprova a substância ativa geraniol, em conformidade com o Regulamento (CE) n.o 1107/2009 do Parlamento Europeu e do Conselho, relativo à colocação dos Produtos Fitofarmacêuticos no mercado, e que altera o Anexo do Regulamento de Execução (UE) n.o 540/2011 Obs.: aquela substância tem utilização em pesticidas. |
| Decreto-Lei n.º 85/2013. D.R. n.º 121, Série I de 2013-06-26 Ministério da Saúde | Procede à décima primeira alteração ao Decreto-Lei n.º 121/2002, de 3 de maio, transpondo as Diretivas n.os 2013/3/UE, 2013/4/UE e 2013/5/UE, da Comissão, de 14 de fevereiro, 2013/6/UE da Comissão, de 20 de fevereiro, e 2013/7/UE, da Comissão, de 21 de fevereiro, e alterando a lista de substâncias ativas que podem ser incluídas em Produtos Biocidas Obs.: no "Anexo I (a que se refere o artigo 2.º) – Lista de substâncias ativas e seus requisitos decididos a nível comunitário para inclusão em Produtos Biocidas", e no "Anexo II (a que se refere o artigo 3.º) Republicação do Anexo I ao Decreto-Lei n.º 121/2002, de 3 de maio", existem referências a "medidas para proteger as abelhas melíferas", bem como a produtos utilizadas no tratamento de madeiras e a madeiras tratadas. |
| Decreto-Lei n.º 76/2013. D.R. n.º 108, Série I de 2013-06-05 Ministério da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território | Cria o Registo de Operador de Madeira e de Produtos Derivados e estabelece medidas sancio- natórias por violações ao Regulamento (UE) n.º 995/2010, do Parlamento Europeu e do Conse- lho, de 20 de outubro de 2010 [publicado em 12 de Novembro, JOUE L 295], definindo o regime de controlo e fiscalização da sua aplicação no território nacional |
| Informação n.º 2013/C 186/01 Jornal Oficial da União Europeia, C 186 Comissão Europeia | Comunicação da Comissão no âmbito da execução da Diretiva 89/686/CEE do Conselho, de 21 de dezembro de 1989, relativa à aproximação das legislações dos Estados-Membros respeitantes aos Equipamentos de Proteção Individual (EPI). Inclui menção a Normas Europeias abrangendo: – Equipamento de proteção para bombeiros – vestuário florestal; – Equipamento de proteção individual para prevenção de quedas em altura; – Vestuário de proteção – Proteção contra o calor e o fogo; – Vestuário de proteção para utilizadores de moto-serras manuais; – Luvas de proteção para bombeiros. |
| Decreto-Lei n.º 90/2013. D.R. n.º 131, Série I de 2013-07-10 Ministério da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território | Cria e define as Medidas Fitossanitárias a aplicar às culturas, plantas, estufas e abrigos abando- nados no território nacional e que constituam risco fitossanitário, à exceção dos povoamentos florestais Obs.: o Artigo 2.º refere que será publicada, por Portaria, a lista dos géneros e espécies a abran- ger; no seu n.º 3, estabelece-se que serão de considerar os seguintes casos: "a) Árvores isola- s, pomares ou outras plantas, que apresentem manifestos sinais de ausência de aplicação de meios de proteção adequados ao combate de organismos prejudiciais aos vegetais e de manu- tenção cultural regular; b) Árvores que apresentem sintomas de declínio, estando enfraquecidas e com a copa seca ou a secar; c) Estejam em estufas e abrigos que apresentem manifestos sinais de ausência de manutenção regular.". |
| Retificação do Regulamento de Execução (UE) n.o 335/2013 Comissão Europeia, de 12 de abril de 2013 | Altera o Regulamento (CE) n.o 1974/2006 da Comissão, que estabelece normas de execução do Regulamento (CE) n.o 1698/2005 do Conselho relativo ao apoio ao desenvolvimento rural pelo Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural (Feader) (JO L 105 de 13.4.2013) |
| Decreto-Lei n.º 96/2013. D.R. n.º 138, Série I de 2013-07-19 Ministério da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território | Estabelece o Regime Jurídico a que estão sujeitas, no território continental, as ações de arborização e rearborização com recurso a espécies florestais Obs.: salienta-se: - referências a: Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, I.P. (ICNF), Sistema Naciona de Áreas Classificadas, Planos Regionais de Ordenamento Florestal (PROF), Planos Específicos de Intervenção Florestal (PEIF), Planos de Gestão Florestal (PGF), Zonas de Intervenção Floresta (ZIF), Sistema Nacional de Defesa da Floresta Contra Incêndios; - são objeto de regulamentação vários modelos e formulários, a aprovar no prazo de 90 dias a contar da publicação do presente Decreto-Lei; - o presente Decreto-Lei procede à segunda alteração ao Decreto-Lei n.º 166/2008, de 22 de agosto, alterado pelo Decreto-Lei n.º 239/2012, de 2 de novembro; - "Artigo 22.º (Norma revogatória) – Sem prejuízo do disposto no n.º 3 do artigo 19.º, são revogados os seguintes diplomas: a) a Lei n.º 1951, de 9 de março de 1937; b) o Decreto-Lei n.º 28039, de 14 de setembro de 1937; c) o Decreto-Lei n.º 28040, de 14 de setembro de 1937; d) o Decreto-Lei n.º 175/88, de 22 de abril; e) o Decreto-Lei n.º 175/88, de 17 de maio; f) o Decreto-Lei n.º 180/89, de 30 de maio; g) a Portaria n.º 513/89, de 6 de julho; h) a Portaria n.º 528/89, de 11 de julho."; - "Artigo 23.º (Entrada em vigor) – O presente Decreto-Lei entra em vigor 90 dias após a sua publicação." |
| Resolução da Assembleia da República n.º 111/2013. D.R. n.º 140, Série I de 2013-07-23 Assembleia da República | Recomenda ao Governo que clarifique as dúvidas relacionadas com o regime de IVA aplicáve ao setor das plantas ornamentais e flores de corte |

| DIPLOMA | SUMÁRIO |
|--|--|
| Lei n.º 51/2013. D.R. n.º 141, Série I de 2013-07-24 Assembleia da República | Procede à primeira alteração à Lei n.º 66-B/2012, de 31 de dezembro (Orçamento do Estado para 2013), à alteração do Código do Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares (IRS), do Código do Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA), do Código dos Impostos Especiais de Consumo, do Estatuto dos Benefícios Fiscais (EBF), à segunda alteração ao Decreto-Lei n.º 172/94, de 25 de junho, e à Lei n.º 28/2012, de 31 de julho, e à terceira alteração ao Decreto-Lei n.º 113/2011, de 29 de novembro Obs.: tem menção a: Taxas florestais; Serviços de Intervenção no Setor da Agricultura, Mar, Conservação da Natureza e das Florestas; Centro de Formação Profissional da Indústria de Cortiça; Centro de Formação Profissional das Indústrias da Madeira e Mobiliário; Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, I. P. [ICNF]; Tapada Nacional de Mafra – Centro Turístico, Cinegético e de Educação Ambiental, CIRPL; Fundo Português de Carbono. |
| Declaração de Retificação n.º 34/2013. D.R. n.º 149, Série I de 2013- 08-05 Presidência do Conselho de Ministros - Secretaria-Geral | Retifica o Decreto-Lei n.º 90/2013, de 10 de julho, do Ministério da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território, que cria e define as medidas fitossanitárias a aplicar às culturas, plantas, estufas e abrigos abandonados no território nacional e que constituam risco fitossanitário, à exceção dos povoamentos florestais, publicado no Diário da República, n.º 131, 1.º Série, de 10 de julho de 2013 |
| Informação n.º 2013/C 227/02 Comissão Europeia | Projeto de Regulamento (UE) n.o/ da Comissão, de 5 agosto 2013, que altera o Regulamento (CE) nº 1857/2006 no que diz respeito ao seu período de aplicação Obs.: transcreve-se (2): "O teor do futuro regulamento de isenção para os Auxílios concedidos às PME ativas no setor agrícola e florestal e nas zonas rurais depende de vários instrumentos, em especial do novo Regulamento Geral de Isenção por Categoria que substituirá o Regulamento (CE) nº 800/2008 da Comissão, de 6 agosto 2008," |
| Portaria n.º 253/2013. D.R. n.º 151, Série I de 2013-08-07 Ministério da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território | Altera 18 Regulamentos de Aplicação do Programa de Desenvolvimento Rural do Continente (ProDeR) aprovados pelas Portarias 289A/2008 de 11 abril, 357A/2008 de 9 maio, 820/2008 de 8 agosto, 964/2008 de 28 agosto, 1137A/2008 de 9 outubro, 1137C/2008 de 9 outubro, 1137D/2008 de 9 outubro, 520/2009 de 14 maio, 521/2009 de 14 maio, 596/2009 de 3 junho, 745/2009 de 13 julho, 786/2009 de 27 julho, 813/2009 de 28 julho, 842/2009 de 4 agosto, 1037/2009 de 11 setembro, 1268/2009 de 16 outubro, 829/2010 de 31 agosto, 231/2011 de 14 junho; revoga parte (art 199: Anexo I do Regulamento Aplicação Ação 1.3.2, Gestão Multifuncional, Portaria 821/2008 de 8 agosto; Anexo II do Regulamento Aplicação Ação 1.3.1, Melhoria Produtiva dos Povoamentos, Portaria 828/2008 de 8 agosto; Anexo II do Regulamento Aplicação Ação 1.3.3 Modernização e Capacitação das Empresas Florestais, Portaria 846/2008 de 12 agosto; Anexo III do Regulamento Aplicação Ação 2.3.2, Ordenamento e Recuperação de Povoamentos, Portaria 1137B/2008 de 9 outubro; Anexo I do Regulamento Aplicação Ambiental dos Espaços Florestais, Portaria 1137D/2008 de 9 outubro; Anexo II do Regulamento Aplicação Medida 1.2, Cooperação Empresarial para o Mercado e Internacionalização, Portaria 1238/2008 de 30 outubro |
| Regulamento de Execução (UE) n.o 762/2013, de 7 de agosto de 2013 Comissão Europeia | Altera o Regulamento de Execução (UE) nº 540/2011 no que se refere à extensão dos períodos de aprovação das substâncias ativas clorpirifos, clorpirifos-metilo, mancozebe, manebe, MCPA, MCPB e metirame Obs.: refere-se a Produtos Fitofarmacêuticos. |
| Regulamento de Execução (UE) n.º 767/2013, de 8 de agosto de 2013 Comissão Europeia | Retira a aprovação da substância ativa bitertanol, em conformidade com o Regulamento (CE) n.º 1107/2009 do Parlamento Europeu e do Conselho relativo à colocação dos Produtos Fitofarmacêuticos no mercado, e que altera o Regulamento de Execução (UE) n.º 540/2011 da Comissão |
| Decisão de Execução 2013/431/UE, de 12 de agosto de 2013 Comissão Europeia | Autoriza os Estados-Membros a prorrogar as autorizações provisórias concedidas às substâncias ativas benalaxil-M e valifenalato Obs.: refere-se a Produtos Fitofarmacêuticos. |
| Retificação do Regulamento de Execução (UE) n.o 533/2013 Comissão, de 10 de junho de 2013 (publicado em 11-06), | Altera o Regulamento de Execução (UE) nº 540/2011 no que se refere à extensão dos períodos de aprovação das substâncias ativas 1-metilciclopropeno, clortalonil, clortolurão, cipermetrina, daminozida, forclorfenurão, indoxacarbe, tiofanato-metilo e tribenurão (JO L 159 de 11.6.2013) Obs.: refere-se a Produtos Fitofarmacêuticos. |
| Regulamento de Execução (UE) n.o 781/2013, de 14 de agosto de 2013 Comissão Europeia | Altera o Regulamento de Execução (UE) n.o 540/2011 no que se refere às condições de aprova- ção da substância ativa fipronil e que proíbe a utilização e a venda de sementes tratadas com Produtos Fitofarmacêuticos que contenham essa substância ativa Obs.: a utilização de fipronil gera riscos para as abelhas. |
| Regulamento de Execução (UE) n.o 802/2013, de 22 de agosto de 2013 Comissão Europeia | Aprova a substância ativa fluopirame, em conformidade com o Regulamento (CE) n.o 1107/2009 do Parlamento Europeu e do Conselho relativo à colocação dos Produtos Fitofarmacêuticos no mercado, e que altera o Anexo do Regulamento de Execução (UE) n.o 540/2011 da Comissão |
| Lei n.º 69/2013. D.R. n.º 167, Série I de 2013-08-30 Assembleia da República | Quinta alteração ao Código do Trabalho, aprovado pela Lei n.º 7/2009, de 12 de fevereiro, ajustando o valor da compensação devida pela cessação do Contrato de Trabalho |
| Retificação do Regulamento de Execução (UE) n.o 200/2013, de 8 de março de 2013 Comissão Europeia | Aprova a substância ativa ametoctradina, em conformidade com o Regulamento (CE) n.c 1107/2009 do Parlamento Europeu e do Conselho relativo à colocação dos Produtos Fitofarma- cêuticos no mercado, e que altera o Anexo do Regulamento de Execução (UE) n.o 540/2011 da Comissão (JO L 67 de 9.3.2013) Obs.: aquela substância tem utilização em pesticidas. |
| Informação n.º 2013/C 272/08 Tribunal de Contas | Relatório Especial n.o 8/2013 «Apoio do Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural à melhoria do Valor Económico das Florestas» Obs.: esta Informação destina-se a comunicar que o Relatório está acessível para consulta ou download no sítio Internet do Tribunal de Contas Europeu: http://eca.europa.eu. |
| Resolução do Conselho de Ministros n.º 61/2013. D.R. n.º 183, Série I de 2013-09-23 Presidência do Conselho de Ministros | Autoriza a realização da despesa pelo Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, I. P. (ICNF, I. P.) com a aquisição de serviços para o controlo e erradicação do Nemátodo da Madeira do Pinheiro (NMP) e do seu Inseto Vetor na Zona Tampão do território do continente, durante os anos de 2013 a 2015 |





A. Travessa Ramalho & Filho, Lda. Rua de Timor Leste, nº4 Apt.51 5360-909 Vila Flor Telef: 278516459 - Fax: 278516459 a.travessa.ramalho@sapo.pt

Abastena, Lda. R. Pe. Estevão Cabral, 79 - 1° - s. 104 3000-317 Coimbra Telef.: 239827953 · Fax: 239833545

abastena@gmail.com Acreditações √ FSC Gestão Florestal √ FSC Cadeia de Custódia

Agrirelva R. Aquilino Ribeiro Lote 64-r/c, Apartado 28 2861-909 MOITA Telef: 212899700 · Fax: 212899709 geral@agrirelva.com www.agrirelva.com

Alberlim - Limpeza e Manut Unip. Lda. Rua Portelas, Albergaria-a-Nova · 3850-501 Branca Telef: 234524034 · Fax: 234524034 contacto@alberlim.com www.alberlim.com

Alcides Madeiras
Lugar da Igreja - Castanheira do Vouga - Águeda
3750-373 CASTANHEIRA DO VOUGA
Teleft: 234623315 - Fax: 234623315
alcidesmadeiras@hotmail.com
Acreditações
V FME Líder
V FSC Gestão Florestal
V FSC Cadeia de Custódia
V PEFC Gestão Florestal
V PEFC Cadeia de Responsabilidade

Alertêxito Viveiros Florestais Unip. Lda. Estrada Variante da Moita · 3780-476 ANADIA Telef:. 231503733 · Fax: 231511721 alertexito@hotmail.com

Anadiplanta

Anadipianta Rua Poeta Cavador · 3780-237 Anadia Telef:: 231511774 · Fax: 231511774 agostinho@anadiplanta.com www.anadiplanta.com

António Maia Rodrigues Figueiredo Rua Principal Norte, nº 366 - Fornos 3060 - 101 Fornos Telef: 239609235 tofigueiredo@hotmail.com

António Panalo Pedrico Rua do Cemitério nº 3, Edif. da Central de Camionagem - Lj 2 · 6320-359 Sabugal Telef:: 271615071 - Fax: 271615071 sondagenspedrico@gmail.com

Armindo Pereira Pais Lda. Avenida das Laranjeiras, 323 · 3780-202 Anadia Estaleiro: Sobrosa – Espinho 3450-063 Mortágua Telef: 231515790 · Fax: 231515790 armindopais@live.com.pt

Arvoplanta

Francisco José Ferreira Veiga Rua do Sanjal nº 277 - Vale de Avim - Moita 3780-481 Anadia Telef.: 231503531 - Fax: 231503531 arvoplanta@iol.pt

Aval Verde, Engenharia e Ambiente, Lda. Apartado 123, Rua Principal n.º65 – Telhado, 3360-062 Figueira de Lorvão Telef: 239476670 · Fax: 239476671 geral@avalverde.pt www.avalverde.pt Acreditações √ ISO 9001 Gestão de Qualidade √ Alvará de construção

√ISO 9001 Gestao de ∪ √Alvará de construção

Beirazimute

Beirrazimute Bairro Sta. Eugénia, Ed. Euroviso, Lt E-Lj F 3500-004 Viseu Telef:: 232185058 · Fax: 232185158 geral@beirazimute.pt www.beirazimute.pt

Bioflorestal S.A.R. Padre Matos, Edif. 2000 - Entrada 1 e 2 3850-091 Albergaria-a-Velha Telef.: 234527123 - Fax: 234580407 Telet: 234527123 - Fax: 234580407

ceral@bioflorestal.pt

Acreditações

√ PME Líder

√ FSC Gestão Florestal

√ FSC Gadeia de Custódia

√ PEFC Gestão Florestal

√ PEFC Gestão Florestal

Bionordeste Estrada Nacional 15, Lugar de Vale de Ague 5370-265 Mirandela Telef: 278248509 · Fax: 278248507 geral@mirapapel.com www.mirapapel.pt

Carlos Alberto Paiva Viveiros Florestais e Plantações Rua Pau da Mata n.º 1 - Monte de Lobos 3450-306 Mortágua Telef: 231920530

Carvalhos - Expl. Madeiras Lda.

Rua Dr. Manuel Simões Barreiros, 33 3260-424 Figueiró dos Vinhos Telef:: 236551523 · Fax: 236553380 as4102079@sapo.pt

Castanea Sativa Lda. Caveirós Bxº-Cambra Vouzela 3670-041 CAMBRA Telef:: 232748017 · Fax: 232748017 castanea _sativa@hotmail.com www.castaneasativa.com

Célia Marques, Unipessoal Lda. R. Caldeireiros 43 Marinha das Ondas 3080-485 Figueira Foz Telef: 233959157 · Fax: 233959157 madeirasmarques.uni@sapo.pt

CG Florestal, Soc. Unip. Lda.

R. Adriano Rovisco dos Santos 7470 - 117 Casa Branca Telef: 268549147 cg.florestal@sapo.pt

Claro e Miranda

Comércio de Madeiras, Lda. R. Eurocerâmica 59 - Brejos Azeitão 2925-145 Azeitão Telef: 212180206 - Fax: 212180206 claroemiranda@sapo.pt

Cláudio & Moreira, Lda. Rua Campo Futebol, nº 11 Palhagueiras 2560-044 A dos Cunhados Telm.: 917289223 · Fax: 261981810 www.claudiomoreira.pai.pt

Colpinus - Madeiras e Derivados

Rua Nossa Srª de Fátima, 200 2420 - 193 Colmeias Tel: 244723389 · Fax: 244723501 martos@martos.pt www.martos.pt

Consagri, Consultoria Agrícola Lda. R. Padre Evaristo do Rosário Guerreiro, N.º 2 2100-195 Coruche Telef: 243611030 · Fax: 243611039 consagri@consagri.pt www.consagri.pt

Costa & Irmãos

Largo da Madalena, 865 Agodim 2420-422 Colmeias Telef.: 244720380 · Fax: 244720389 geral@costaeirmaos.com

Costa Ibérica Florestal, Lda.

EN 16 Vila Garcia - 3530-077 Fornos Maceira Dão - Mangualde Telef::232619450 - Fax:232619451 floresta@costa-iberica.com

Covelo e Pinto, Lda. R. Almirante Reis, 294 · 2830-461 Palhais - BRR Telef; 212148890 · Fax: 212148899 geral@covelopinto.pt www.covelopinto.pt

Ecorede - Silvic. e Exploração Florestal, SA

Rua do Poente, 166 - Apartado 282 4786-909 TROFA Telef:: 252400610 · Fax: 252400619 geral@ecorede.pt

gerai@ecorede.pt ₩ww.ecorede.pt ₩ww.ecorede.pt √ PME Lider √ ISO 9001 Gestão de Qualidade √ ISO 14001 Gestão Ambiental √ ISO 18001 Saúde e Segurança no Trabalho √ FSC Cadeia de Custódia √ PEFC Cadeia de Responsabilidade

Empey Gestão de Espaços Verdes Lda.

R. São Domingues n.º 336 -2B 2200-397 Abrantes Telef_:: 241377212 · Fax: 241377213 geral@empev.pt www.empev.pt

Floponor, Lda.
Rio de Mel · 6420-552 Trancoso
Telef: 271813323
geral@floponor.pt
www.floponor.pt
Acreditações
√ PME Lider
✓ PME Excelência
✓ FSC Cadeia de Custódia
✓ PEFC Cadeia de Responsabilidade
✓ Alvará de construção

Floresta Bem Cuidada Projeto Florestal, Lda.

Floresta Bem Cuidada Projeto F Av. Da Igreja, 14 R/c dto 6300-399 Guarda Telef: 271237630 · Fax: 271237630 florestabemcuidada@sapo.pt www.florestabemcuidada.pt ✓ Acreditações ✓ PME Excelência ✓ ISO 9001 Gestão de Qualidade ✓ Alvará de construção

Floresta da Serra Folgares S/N -Portela Fojo 3320-332 PORTELA DO FOJO Telef: 235566188 · Fax: 235566188 ffloresta@sapo.pt

Floresta Jovem, Lda.

Floresta Jovem, Lda.
Rua Principal nº20 Carvalhal Ap.67
3450-301 Mortágua
Telefi: 231923148 · Fax: 231923148
floresta_jovem@sapo.pt
www.florestajovem.webs.com
Acreditações
VISO 9001 Gestão de Qualidade
V Alvará de construção

Floresta Renovada, Lda.

R. Maria Vela, 10 6300-581 Guarda Telef.: 271222561 · Fax: 271222561 floresta.renovada@netvisao.pt

Florestas Sustentáveis, Lda. Praça da República nº10 7050-132 Montemor-o-Novo Telef:: 217265160 · Fax: 217265121 info@florestassustentaveis.pt www.florestassustentaveis.pt

Florestlis Lda. Estrada Nacional 109, Apartado 12 2426-908 Monte Redondo Telef: 244685135 · Fax: 244686078 geral@florestlis.pt

Florgénese Lda.

Florgénese Lda.
Estrada do Seixalinho, CityPark - Armazém A
2870-339 Montijo
Telef: 212326790 · Fax: 212326797
florgenese@gmail.com
www.florgenese.com
Acreditações
Vorganização Oficialmente Reconhecida para
a homologação de produtos fitofarmacêuticos

Forestorte Exp. Florestal, Lda.
Zona Industrial das Lameiradas,
Rua dos Pousadinhos nº 297
4540-423, Mansores
Telef: 256920010 · Fax: 256920019
forestcorte@gmail.com
www.forestcorte.com
Acreditações

√ PME Líder
√ PME Excelência
√ Alvará de construção

Forestfin – Florestas e Afins, Lda. Rua José Gomes Soares, 11-3ºDrt 4405-905 Vila Nova de Gaia Telm: 927601580 · Fax: 224906062 florestaseafins@gmail.com www.florestaseafins.com

Gestiverde, Lda.

R. D. Lopo Almeida, Lt 81 R/C Esq. 2200-281 Abrantes Telef: 241366806 · Fax: 241366850 geral@gestiverde.pt www.gestiverde.pt

GIFF - Gestão Integrada de Fogos Florestais S.A. R. D. João Ribeiro Gaio, nº9B, 1º Esq. 4480-811 Vila do Conde Telef: 252632022 · Fax: 252632022 giff.geral@giff.pt www.giff.pt

IberFlorestal S.A R. da Telheira, nº 604 - Lugar de Passos 4630 - 106 Cercal - Valença Telf: 961 106007 mjrodrigues@iberflorestal.pt Acreditações: VFSC Cadeia de Custódia

Igal, Lda. Parque Ind. Tecnológico de Évora, R. da Agricultura lote nº11 7005 - 340 Évora Telef: 266734189 · Fax: 266734189 igal_@sapo.pt ☐ Acreditações √ PME Líder

Indumadeiras, Lda.

Rua Dr José Assis e Santos 3450-123 Mortágua Telef:: 231920131 · Fax: 231920131 indumadeiras@hotmail.com

Jardim Formoso, Lda. Av. 25 de Abril, nº 56 – Galamares 2710-246 Sintra Telef: 219241205 · Fax: 219246632 geral.jardimformoso@mail.telepac.pt

José Dias e Fos, Lda

Rua do Pomar, 20 Canais 2420-084 Carangueijeira Telef.: 244733588 · Fax:244733588 josedias.filhos@sapo.pt

Lazer e Floresta - Empresa Desenv. Agro-Florestal S.A. Rua Braamcamp 90, 4º Piso 1250-052 Lisboa Telef: 217817314 · Fax: 217817319 If@lazerefloresta.pt www.lazerefloresta.pt

M Cruz & Soares, Lda. Lugar de Lages· 4575-300 PAREDES PNF Telef.: 255616153· Fax: 255616168 mcruz soares@hotmail.com www.mcruzesoares.pai.pt

Madeicampo, Exploração Florestal Lda.

R Central Campo 2215, Campo 4440-037 CAMPO VLG Telef:: 224112639 Fax: 224159217 madeicampo@sapo.pt

Madeira Santo, Explor. Florestal Unip. Lda. Caminho Poiso 48, Santa Cruz / Ilha da Madeira 9100-265 Santa Cruz Telef: 291552869 Fax: 291552869 madeirasanto@gmail.com

Madeiras Vale do Rio, Lda.

Minhãos 4540 - 536 Santa Eulália Telf: 256998010 reinaldo_brandao@sapo.pt

Mário & Félix Comércio de Madeiras Lda.

Rua Manuel Simões nº3, Brejos do Assa 2950-057 Palmela Telf: 265509532 · Fax: 265509532 lenhasfelix@gmail.com

Micoflora, S.A.

Centro Empresas, Ed.Clube Naútico - Sra. Santana-Pav.1 · 7580-509 Alcácer do Sal Telef:: 265613274 · Fax: 265613275 micoflora@micoflora.com www.micoflora.com

O Trevo, Lda. R. Fernando Namora, 28 - 1º Dtº 7800-502 Beja Telef:: 284325962· Fax: 284318365 geral@otrevo.pt www.otrevo.pt Acreditações √ ISO 9001 Gestão de Qualidade

Pinas & Irias Lda. Avenida Nacional 54, Ciborro 7050-611 CIBORRO Telef: 266840000 Fax: 266840002 pinas.irias@mail.telepac.pt www.pinasirias.com

PombalVerde, Prod. Com. Plantas Lda. R. Principal nº10 Bonitos 3105-007 Almagreira PBL Telef: 236961413 - Fax: 236961134 geral@pombalverde.pt www.pombalverde.pt √ Acreditações √ ISO 18001 Saúde e Segurança no trabalho

Preplanta - Viv. Horticolas, Lda. Estrada Nacional 118, Km 57 2125 - 317 Muge Telf: 263596851 · Fax: 263596862 mario.ferreira@preplanta.pt www.preplanta.pt

Profijardim - Espaços Verdes, Lda. Rua das Mestras, nº 61 - Touregas 3870-032 Bunheiro Telef: 234855266 - Fax: 234855267 profijardim.profijardim@gmail.com www.profijardim.com Acreditações V Alvará de construção

Relva Pura Avenida do Mar, 130 2855 - 650 Corroios Telem.: 917171999 relvapura@gmail.com www.relvapura.pt

Relva Viva - Gestão Florestal e Jardins Lda. Parque Industrial Quinta Lavi Escritório n.º9, Bloco B 2710-161 Sintra Telem: 925040040 geral@relvaviva.pt www.relvaviva.pt

Resimadeiras Maladāo, Apartado 7 3300 - 112 Arganil Telef.: 235713561 · Fax: 235713563 resimadeiras@sapo.pt

Sérgio C. Domingues & Ca. Lda.

Tomada - Moreira 4950-600 Monção Telef.: 251666262 · Fax: 251666262 s.c.domingues@sapo.pt

Silvapor, Lda.

Silvapor, Lda.
Qtª da Devesa, Srª da Graça
6060-191 Idanha-a-Nova
Telef.: 277208208 · Fax: 277202780
silvapor@silvapor.pt
www.silvapor.pt
Acreditações
√ ISO 9001 Gestão de Qualidade
J Alvará de construção

√ ISO 9001 Gestado de Qualidado √ Alvará de construção √ Empresa acreditada para a aplicação de fitofármacos

Silviaçores Silvicultura, Lda.

Carreira - Fajā de Cima, S/N 9500-511 S. Miguel Telef.: 296638268 · Fax: 296638268

Silviconsultores S.A.
Av. Antonio Augusto Aguiar nº148, 5ºA
1050-021 Lisboa
Telef: 211923793 · Fax: 211454850
info@silviconsultores.pt
www.silviconsultores.pt
Acreditações
√ Entidade Formadora Acreditada pela DGERT

Silvicorgo, Transportes e Serviços Lda. Rua Fundadores do circuito de Vila Real, nº10 5000-415 Vila Real Telef: 259322478 ⋅ Fax: 259322484 info@silvicorgo.com www.silvicorgo.com

Silviguarda - Silvicultura e Transportes Lda. Urb. do Cabeço Lote 5 Estrada de Alfarazes 6300-651 Guarda Tel:271223223 - Fax: 271223223 geral@silviguarda.pt www.silviguarda.pt

Silviland - Serv. e Obras Florestais Av. Maria Lamas, nº 68, 3ºdto · 2775-123 Parede Telem: 919797587 info@silviland.pt

Soc. Agríc. e Pecuária Melo e Cancela Lda.

R. das Flores, nº17, Pereiro · 3780-412 Avelās de Cima Telef:: 231504946 · Fax: 231515383

jose.cancela@iol.pt Acreditações √ Autocertificação de plantas (ICNF)

Socriter, Lda.

Zona Industrial de Ulme · 2140-385 Chamusca Telef: 249771696 · Fax: 249771698 geral@socriter.pt

Soprofe, Lda. Rua 18 de Maio It 882 r/c Esq. Rossio Sul Tejo 2205-040 Abrantes Telef: 241331413 · Fax: 241331414 Soprofe@mail.telepac.pt

T. M. F., Lda. R. 5 de Outubro, 28 · 2100-127 Coruche Telef.: 243610100 · Fax: 243610109 ecoagro@ecoagro.pt

Tavares & Quintas, Lda. Avenida da Saudade, nº 1 · 4415-575 Crestuma Telef.: 227650101 · Fax: 227650101

Teleflora S.A.
Campo Grande, 183 - 2º · 1700-090 Lisboa
Telef: 217826700 · Fax: 217958392
teleflora@teleflora.pt
Acreditações
PME Lider
VISO 9001 Gestão de Qualidade
VISO 14001 Gestão Ambiental
VISO 18001 Saúde e Segurança no trabalho

TerraGes Gestão Agr. Florestal e Ambiente, Lda. Rua Lourenço Caiola, 2 7370-109 CAMPO MAIOR Telef: 212744067 · Fax: 212760924 info@terrages.pt www.terrages.pt

Terra Relevo Zona Industrial, arruamento M, fracção D 3850 - 184 Albergaria-a-Velha Telef: 258731504 geral.terrarelevo@gmail.com

Terra Team

Av. Miguel Bombarda, 36 - 2° G 1950 - 165 Lisboa Telef: 216 045 252 joseaires@terrateam.pt www.terrateam.pt

Tomás Floresta, Lda. Troviscal <u>3280</u>-115 Castanheira de Pera Troviscal · 3280-Tel: 919434267 Fax:236432458 tomasfloresta@gmail.com

Torexcel - Toros p Export. e Celulose, Lda.

Vilarinho do Alva - Rua do Cascalho 3300 - 330 Pombeiro da Beira Telef: 235208680 Fax: 235208681 torexti@sapo.pt

Unimadeiras S.A. Apartado 3 · 3854-909 Alberg. a Velha Telef: 234521864 · Fax: 234523665 geral@unimadeiras.pt geral@unmadeiras.pt www.unimadeiras.pt √ Acreditações √ PME Lider √ ISO 9001 Gestão de Qualidade √ FSC Gestão Florestal √ FSC Cadeia de Custódia √ PEFC Gestão Florestal √ PEFC Cadeia de Responsabilidade

ValdeLima
Parque Empresarial de Paçô, lt 24
4970-249 Árcos de Valdevez
Telef: 258480280 - Fax: 258480289
geral@valdelima.pt
www.valdelima.pt
Acreditações
√ Alvará de construção

Vedap - Esp. Verdes, Silvicultura e Vedações S.A. Rua Moinho de Vento S/N - Apartado 21 2250-909 Constância Telef<u>.</u>: 249739654 - Fax: 249739655 Ielei: 249739034 - rax. 24973903. geral@vedap.pt √ Acreditações √ ISO 9001 Gestão de Qualidade √ ISO 14001 Gestão ambiental √ Alvará de construção

Verde Sereno Lda. Rua da Capela nº2 Telheiro-Barreira 2410-033 Leiria Telef: 24409038 - Fax. 244831134 geral@verdesereno.com www.verdesereno.com

Viveiros de Santo Isidro, Lda.

Herdade Pontal - Apartado 5 · 2985-275 Pegões Telef: 265898039 · Fax: 265898047 viveirostosisidro@gmail.com

Viveiros do Furadouro Lda. Quinta do Furadouro · 2510-582 Olho Marinho Telef: 262965020 Fax: 262965021 vjv.furadouro@mail.telepac.pt Acreditações √ Autocertificação de plantas (ICNF)

NOVOS ASSOCIADOS



Quer associar-se à ANEFA?

Toda a informação em www.anefa.pt - Associados - Doc. Novo Associado



A Floresta e a Agricultura do Século XXI

O Fórum dos Produtos & Serviços Agro-florestais - FORURAL

é um projecto da ANEFA - Associação Nacional de Empresas Florestais, Agrícolas e do Ambiente e surge da necessidade de centralizar as oportunidades que o Meio Rural oferece, tendo por base o grau de exigência e competitividade do mercado, quer ao nível da qualidade dos produtos e serviços, como da conservação e melhoria dos recursos naturais.

www.forural.com



Formações Modulares Certificadas



Tratores agrícolas adaptados ao trabalho florestal constituição, funcionamento e manutenção (25h)

Albergaria a Velha





Máquinas de exploração florestal—autocarregador (Forwarder) constituição, funcionamento e manutenção (25h)



Máquinas de exploração florestal de rechega (Skidder) constituição, funcionamento e manutenção (25h) Figueira da Foz



Processos e métodos de protecção fitossanitária e de aplicação de produtos fitofarmacêuticos (50h)

Pombal

Arouca



Gruas para a exploração florestal funcionamento, constituição, manutenção e utilização (50h) Arouca



Destroçadores e Estilhaçadores (25 h)
Arouca



Mecânica e manutenção preventiva tratores e máquinas de exploração florestal (50h) Arouca



Motosserras – constituição, utilização e manutenção (50 h) Lousã

Datas a definir









